convergência

JAN/FEV — 1985 — ANO XX — N.º 179



- O QUE SE ENTENDE POR ESPIRITUALIDADE?
 Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM página 3
- ISRAEL E A EXPERIENCIA DE DEUS
 Pe. Ivo Storniolo página 12
- ATUALIDADE E SENTIDO DA ESPIRITUALIDADE BENEDITINA Irmã Eugênia Teixeira, OSB — página 26

CON VERGÊNCIA

Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil

Di etor-Responsável:

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Pe. Marcos de Lima (Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Atico Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar 20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1985:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:
Até 30.04.1985....... Cr\$ 46.150

Exterior: marítima...... US\$ 28,00
aérea........ US\$ 38,00

Número avulso Cr\$ 4.615

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição (foto e Ilnotipo), revisão, paginação e impressão: Esdeva Empresa Gráfica Ltda., Rua Halfeld, 1179 — 36100 Juiz de Fora, MG

Nossa Capa

Esboço que sugere uma antena parabólica de transmissão e recepção de sinais televisivos e telerradiofônicos, símbolo do extraordinário progresso no campo da informática, a transferência de informações codificadas. A antena parabólica é dispositivo essencial do sistema de comunicação, à distância, por ondas e microondas eletromagnéticas.

A realização de uma Vida Religiosa, pessoal e comunitária, conforme o Evangelho, precisa ser nossa real preocupação, de cada dia. Nesta tarefa, a Conferência dos Religiosos do Brasil CRB) quer desempenhar a função e o papel da antena parabólica rastreadora, ou seja: (1) Ser, facilmente, sintonizada em frequências diferentes. Não obstante tão numerosas as Congregações, cada uma encontra, nas atividades da CRB, o estímulo que afina, apura e define o próprio carismo. (2) Reduzir as interferências e

os ruidos estranhos, com firme adequação aos sinais complexos da atmosfera. Não sendo do mundo, a VR, todavia, se realiza no mundo. Busca, então, a CRB servir um alimento capaz de imunizar e criar anticorpos ao espírito do mundo. (3) Proporcionar emissão e recepção de şinais dotados de grande nitidez e resolução. Pelo que diz e pelo que faz, a CRB identifica a VR pelo que lhe é substancial, em termos teológicos, bíblicos e evangélicos.

A revista Convergência é o veículo de estrutura ajustada aos objetivos fundacionais da CRB na transmissão de informações claras e objetivas para os Religiosos que vivem e trabalham na Igreja no Brasil. Em CONVERGÊNCIA, Religioso, Você descobre os elementos que lhe garantem construir a resposta correspondente às suas necessidades de pensamento e de ação. Lela Convergência, Mada igual à sua leitura para o exercício consequente da esperança (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	1
O QUE SE ENTENDE POR ESPIRITUALIDADE Fr. Almir Ribeiro Guimarães, OFM	3
ISRAEL E A EXPERIÊNCIA DEUS. LEITURA DO SALMO 139 Pe. Ivo Storniolo	12
ATUALIDADE E SENTIDO DA ESPIRITUALIDADE BENEDITINA Irmã Eugênia Teixeira, OSB	26
ESPIRITUALIDADE E PROFETISMO NO CONTEXTO ATUAL DA AMÉRICA LATINA Frei Bernardino Leers, OFM	37
JUVENTUDE, FOGO DE PALHA OU ESPERANÇA DE UM MUNDO NOVO? Pe. Jorge Boran, CSSp	51

EDITORIAL

Abre-se o horizonte de novo ano: 1985!

Seja ele a continuidade de todas as buscas que não puderam
ver realizados ainda seus sonhos. Sonhos de paz, fraternidade e justiça! Deixe entrever, saborear e tocar com nossas mãos
a concretização maior daquilo
que nos faz viver, na força vital
da esperança. A esperança de
um dia chegarmos ao ponto do
horizonte humano em que seremos mais gente com gente, mais
irmão entre irmãos, mais filhos
de Deus! Deus o queira e os homens também!

Ele, Deus, nos dê a todos um ano de graça. O ANO DA GRAÇA.

Quando Jesus de Nazaré anunciava, na Sinagoga de sua cidade, a realização, em sua própria vida, da profecia de Isaías (cfr. Lc 4,18-19), confirmava e potenciava ao infinito todas as buscas de bem, paz e felicidade por parte dos homens. Busca teimosa, enraizada no coração humano, sobrevivendo a tudo, esperançosa. Com seu anúncio e presença Jesus dá força à nossa esperança e às razões que temos de a viver: o ANO DA GRAÇA é viável ! O Senhor Jesus caminha conosco para estabelecê-lo. Ele o anuncia. Ele o viabiliza. Nós mesmos participaremos de sua instauração se nisso consentirmos.

Que 1985 seja para todos, pa-

ra você, leitor de CONVERGÊN-CIA, amigo irmão, um ANO DE GRAÇA! FELIZ ANO, pois!

CONVERGÊNCIA terá muita coisa a partilhar consigo, leitor, nesse ano. Nosso diálogo será silencioso, anônimo talvez e à distância, mas denso da preocupação de serví-lo, irmão, e de consigo repartirmos a graça que o Pai concede a muitos irmãos nossos que vivem e oferecem a nós todos, através de CONVER-GÊNCIA, sua experiência pessoal de Deus.

Nesse ano de 1985, CONVER-GÊNCIA levará a você uma longa, variada e séria reflexão sobre o que deve caracterizar e vivificar sempre nossa Vida Religiosa: a espiritualidade como experiência de Deus. A espiritualidade da Vida Religiosa, diferentes correntes de espiritualidade na Vida Religiosa, variados aspectos da espiritualidade. Além de muitas outras reflexões de caráter circunstancial. Em tudo se quer serví-lo, prezado leitor, na fraternidade, concretizando a grande proposta que a CRB se faz: a de animar e promover a Vida Religiosa.

Nesse número, CONVERGEN-CIA traz a você os seguintes artigos:

"O QUE SE ENTENDE POR ESPIRITUALIDADE?" É a pergunta simples e direta que Frei ALMIR RIBEIRO GUIMARÃES;

OFM propõe. "Viver intensamente uma dimensão espiritual da existência humana e do projeto de vida à luz da experiência de Deus manifestada claramente na pessoa e obra de Jesus de Nazaré", tem sido a constante preocupação da Vida Religiosa. A espiritualidade é acima de tudo, a "aceitação e acolhida gratuita da ação de Deus e de seu Espírito em nós". Ela "é vivida nos conventos, mas também no coração das tarefas urgentes das grandes cidades,e na consecução do projeto de libertação de irmãos que vivem em toda sorte de opressão".

Pe. IVO STORNIOLO, em "IS-RAEL E A EXPERIÊNCIA DE DEUS" propõe uma leitura do Salmo 139, leitura muito aguda e pertinente. O Salmo 139 é expressão da profunda experiência de Deus vivida pelo Salmista, experiência que carateriza também a espiritualidade de Israel, e que deve constituir igualmente a espiritualidade da Vida Religiosa.

"ATUALIDADE E SENTIDO DA ESPIRITUALIDADE BENEDI-TINA" é o envolvente escrito de MADRE EUGÊNIA TEIXEIRA OSB, Abadessa do Mosteiro da Virgem, em PETRÓPOLIS — RJ. Abre a série de artigos que, no decorrer de 1985, CONVERGÊN-CIA deseja publicar a respeito da espiritualidade de algumas das grandes famílias da Vida Religiosa. Nele MADRE EUGÊNIA fala do que o beneditino vive: a Oração fundada na Escritura e feita vida no Mosteiro.

FREI BERNARDINO LEERS OFM, em "ESPIRITUALIDADE E PROFETISMO NO CONTEXTO ATUAL DA AMÉRICA LATINA", aponta com clarividência os principais percalços e distorções encontrados no percurso histórico da espiritualidade. E assinala a contribuição que as Igrejas da América Latina hoje têm a dar em função de uma autêntica espiritualidade a ser assumida também pela Vida Religiosa.

Em "JUVENTUDE: FOGO DE PALHA OU ESPERANÇA DE UM MUNDO NOVO?", o Pe. JOR-GE BORAN CSSp, Assessor da CNBB para a PASTORAL DA JUVENTUDE, aborda assunto que conhece. CONVERGÊNCIA leva ao leitor uma reflexão que ajude a perceber o sentido do ANO IN-TERNACIONAL DA JUVENTUDE proclamado pela ONU, e a superar as insignificâncias festivas que em torno disso vão projetadas para deturpar o evento. Num país como o Brasil, cuja população é preponderantemente jovem, a Igreja e os Religiosos não podem se eximir do serviço à OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS JOVENS proclamada em PUE-BLA. A reflexão de Pe. JORGE se torna assim muito oportuna. Reconhece ele que a juventude "traz para dentro da sociedade valores que são fundamentais para sua renovação e transformação... São as sementes do Verbo, presentes na juventude hoje, e que devem ser o ponto de partida de qualquer Evangelização do mundo jovem".

Pe. Atico Fassini ms

O QUE SE ENTENDE POR ESPIRITUALIDADE?

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM Niterói — RJ

A Igreja é constituída de imensa variedade de famílias religiosas que vivem a espiritualidade cristă de diferentes maneiras. Desde os anacoretas e cenobitas dos primeiros séculos, passando pela vida monacal com os grandes líderes espirituais que foram São Bento e São Bernardo, atingindo a Idade Média com a espiritualidade dos mendicantes, percorrendo o período tridentino e pós-tridentino com os jesuítas e os vicentinos de diferentes famílias, chegando aos tempos modernos com os nomes de Charles de Foucauld e de Teresa de Calcutá, sempre foi questão de viver intensamente uma dimensão espiritual da existência humana e do projeto de vida à luz da experiência de Deus manifestada claramente na pessoa e na obra de Jesus de Nazaré, o Absoluto de Deus. Essa gama variegada de maneiras de se viver cristamente faz a riqueza da Igreja. Cada uma dessas e de tantas outras famílias religiosas tem o propósito de viver intensamente o carisma de seus fundadores. Precisamos, nas páginas seguintes, tentar precisar o que vem a ser espiritualidade. Nosso escopo é abrir uma série de estudos sobre as diferentes espiritualidades existentes na sinfonia da vida da Igreja.

Alguns desvios a serem evitados

Não se pode e não se deve pensar que espiritualidade significaria alguma coisa de "desencarnado". Houve, talvez, tempos em que se pensava que, quanto mais distante estivesse das realidades, quanto mais insensível ao mundo, tanto mais espiritual seria o cristão ou o religioso. Não poucas vezes certos pregadores e mestres espirituais chegaram mesmo a aconselhar o desprezo pelas coisas terrestres, e os homens ditos espirituais, eram tidos como fugitivos do mundo.

A espiritualidade não é para uns poucos privilegiados. Algumas vezes, certas doutrinas por demals herméticas da mística, fizeram com que certas pessoas se afastassem de uma busca de sadia vida espiritual, temerosas de não conseguirem atingir os píncaros da mística. Não devemos deixar de afirmar que, num caminho de crescimento, o homem da espiritualidade deveria cada vez mais se abrir a Deus, a ponto de chegar a degustar a presença e a ação do Senhor sensivelmente em sua vida. Mesmo vivendo intensos momentos de união com Deus, como foi o caso de Teresa d'Ávila, muitos místicos foram pessoas de extrema

atividade no coração da realidade, e se mostraram criaturas com enorme senso prático no coração do mundo.

Algumas vezes, talvez, se tenha confundido espiritualidade com a repetição dos chamados "exercícios espirituais". Pode mesmo ser que se tenha colocado o meio como fim. Não duvidamos que práticas ascéticas como o jejum, a meditação prolongada, as penitências corporais ajudam a manter a chama da vida espiritual acesa. Mas não podemos dizer que os homens de espiritualidade seriam "atletas" de exercícios desta ordem. Assim vista, a espiritualidade é mais o resultado da vontade do homem do que aceitação e acolhida gratuita da ação de Deus e de seu Espírito em nós.

Não há a menor dúvida que a vida de oração e de meditação é sintonia de espiritualidade sadia. Quem não nutre sua vida interior na constante meditação da Palavra do Senhor, quem não passa horas em reflexão não pode ganhar a dimensão típica dos grandes homens e mulheres espirituais. A união entre contemplação e ação parece importante demais. Já mencionamos o exemplo de Santa Teresa d'Ávila. São Francisco de Sales soube unir sua vida de ardoroso bispo com a de um místico que vivia uma "ferida de amor" no coração. Elisabeth Leseur, mulher casada, entregou-se às tarefas de dona de casa e de mulher intelectual com profunda vida mística. Parece que em nossos dias não são constatados tantos fenômenos típicos da vida mística como os êxtases. A vida de união com Deus se passa de maneira mais escondida. É vivida nos conventos, mas também no coração das tarefas urgentes das grandes cidades, e na consecução do projeto de libertação de irmãos que vivem em toda sorte de opressão.

A vida espiritual não se processa num segundo andar invisível da existência. — Pagamos caro demais pelas exageradas dicotomias entre alma e corpo, espírito e matéria, natureza e graça. Sem desconhecer o que caracteriza cada uma dessas distinções justas, devemos afirmar que a realidade se interpenetra. A criatura espiritual vive a vida de todos os dias sob a luz que lhe é dada pelo Espírito.

2. Descoberta do Absoluto de Deus

Falar em espiritualidade é falar nos empenhos em descobrir a realidade de Deus no coração da vida e da história. Na trama do desenvolvimento técnico, e na tentativa de superar as condições infra-humanas de vida transparece, por vezes, o culto da matéria, do passageiro, do efêmero. Raras vezes estivemos tão imersos na matéria como em nossos dias. Surgem aqui e ali movimentos de renovação espiritual. Há um gosto de insatisfação por detrás de muitas realizações na realidade que é nossa história. Por detrás disto está a busca da verdadeira vida. Temos a impressão de que nossa vida é incompleta, mutilada, oprimida. Há dentro de nós um gosto e uma sede do essencial. O homem de todos os tempos faz a experiência de Gandhi expressa nesta frase:

"Nada mais sou do que alguém que busca a verdade."

Mas o que é esse essencial ? Como pode o homem desenvolver-se em sua totalidade? O homem se percebe habitado por um "sopro". Passa então a ser um buscador de sentido para seus dias. Não uma espécie de realização de metas imediatas, mas uma direção mais ampla na qual possa caminhar. O homem é chamado a ir além das satisfações mais próximas. Ao longo da história da Humanidade as religiões foram espaços desta tomada de consciência da atuação e presença do Absoluto. Estas religiões visam responder a questões ligadas ao sentido da vida, à descoberta da realidade mais profunda do homem e do último e inefável mistério que envolve sua existência. Vivem então espiritualmente. Não acrescentam uma estrutura diferente à vida, como se esse campo espiritual fosse um segundo andar da vida normal. Essa vida espiritual é nossa própria vida que é trabalhada a partir do interior. Há um apelo que nos convida à busca de uma qualidade e profundidade de existir. Os que são tocados por este apelo sabem perfeitamente que não podem esquecê-lo. É como se lançassem mão do arado e não pudessem mais olhar para trás. Para responder a este além interior o homem precisa empreender uma caminhada que nunca termina. Esse grito na busca do Absoluto aparece em todas as religiões. Da tradição islâmica esta prece bem exprime es. sa ânsia por Deus:

"Meu Deus, como poderias me abandonar, tu que me colocaste sob a tua proteção? Como poderei ser

massacrado? Tu não és o meu socorro? Como poderei ficar decepcionado quando sei que cuidas de mim? Meu Deus, como estás próximo de mim, e como estou longe de ti! Meu Deus, como tua misericórdia é grande para comigo! Busca-me, Senhor, por misericórdia, a fim de que possa te encontrar. Atrai meu coração para ti, para que eu possa voltar-me para ti!"

Não poucas vezes essa busca do Absoluto passará pelo conhecimento de si mesmo: "Que nossa volta sobre nós mesmos signifique a volta ao Senhor" (Tagore). Na tradição judáica vemos homens e mulheres fazerem essa caminhada para o Absoluto, desde Abraão, peregrino da esperança, passando por Moisés diante da sarça ardente, atravessando os profetas ardorosos como Elias, Jeremias e Isaías. É sempre a busca do Absoluto que, além de estar no íntimo do coração faz História conosco e caminha à frente dos homens, desejoso de fazer com eles um pacto, uma aliança de amor. Ficamos admirados de ver essa procissão de homens e mulheres, de ontem e de sempre, que buscam uma sabedoria de vida no coração da qual encontrar-se-ão, às apalpadas, com o Mistério do Absoluto.

3. Sabedoria cristã

O inacessível, o intocável, o grande tornou-se fragilidade, sensibilidade, carne na pessoa de Jesus de Nazaré. O cristianismo pretende oferecer a seus adeptos uma espiritualidade encarnada porque nosso Deus se tornou companheiro de caminhada. Veio sofrer nossas dores, rir nossos risos e viver nossa vida. Nossa espiritualidade não consistirá simplesmente em técnicas de interiorização, em fuga do material, mas uma
vida nova na força do Espírito de
Jesus que nos é dado. Para empreender o caminho da vida espiritual
será necessária uma sabedoria que
é dada aos pequenos e vedada aos
poderosos. O Pai revela seus segredos aos pequenos da face da terra. Essa convicção invadiu todos os
grandes espirituais e os fundadores
das grandes famílias religiosas da
Igreja.

Já no Antigo Testamento se falava de uma habitação do homem pelo Espírito. Ele vem habitar nosso interior e orientar nosso projeto de vida. Vem orientar nosso espírito. "Colocarei meu Espírito em vós e vivereis" (Ez 37,14). Esse Espírito, que procede do Pai e do Filho, vem ensinar ao homem como ele deve ser segundo Deus.

Ao longo de sua vida o homem estará sempre entre duas dimensões de sua existência: uma existência na carne e outra no espírito. Tudo no homem parece apontar para sua caducidade e limitação. Tudo se revela, em sua vida, como passageiro e com marcas de morte. Passa então a fazer seus arranjos existenciais. Não é Deus, não é realidade absoluta, mas relativa. É o homem-carne de que fala Paulo. Para compreender o enigma de sua existência precisa alegremente aceitar sua dependência para com o Criador. Imerso na carne o homem é chamado a transpor esses limites. Pode e deve alçar vôo na direção das estrelas. Pode encontrar a Deus e viver numa aliança de amor que o Senhor lhe propõe. A Escritura chama a esta segunda condição, de vida no Espírito. Carne e Espírito se unem na realidade única do homem.

O homem está muitas vezes dilacerado entre essas duas situações. Pode organizar sua vida segundo a carne: vida intraterrena como se a terra fosse a única realidade, fechado sobre si mesmo, não enxergando outro horizonte entre o nascimento e a morte. Não fazendo caso dos apelos para uma vida voltada para o alto. Os esquemas do homem da carne são: habilidade em conseguir bens, em manipular pessoas, trapaças de toda sorte, egoísmo, exploração do homem. Paulo, em sua Epístola aos Gálatas, enumera as obras da carne: impurezas, ódio, discórdia, ciúme, inveja, divisão, orgia (cf. GI 5,19-21). Esse é o homem velho de que também fala Paulo. É o homem entregue a si mesmo. Homem que busca as aparências e a realização de mil e um projetinhos que o satisfaçam mais ou menos diante dos outros. Quando notamos a sede de espiritualidade que existe em determinados setores da vida da Igreja e do mundo, compreendemos que não é possível continuar a viver em tal esquema da carne tão caro à maioria dos homens de nossa época. Abençoados são todos os caminhos que levem o homem a abandonar o esquema da carne.

Ao lado desse homem da carne encontramos então o homem do Espírito. É aquele que consegue entrar num processo de libertação das injunções da vida. Acolhe com humildade as limitações de seu ser na carne. Sabe que, somente encaminhando-se para Deus, consegue o descanso de que necessita seu co-

ração. Vive então filialmente face a face com Deus, fraternalmente com os irmãos, e não se deixa dominar pela realidade material, mas é senhor das coisas. A vida humana é feita para ser templo de Deus. Deus quer o homem e quer torná-lo seu. Quer divinizar essa condição de homem da carne. Porque o Verbo se fez carne e fincou sua tenda entre nós. Nisto consiste a profunda salvação da condição humana. Paulo lembrará ainda, na sua Epístola aos Gálatas, que os frutos do Espírito são caridade, paciência, paz, longanimidade, afabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e continência. Viver no Espírito é viver aberto ao Outro e aos outros. O homem se torna profundamente novo. O Espírito de Cristo modela nele a sua imagem (cf. L. Boff, Vida segundo o Espírito, Petrópolis, 1982, pp. 41-59).

Essa sabedoria cristã de viver é dada aos pequenos. É dada do alto. É sabedoria que vem da morte a si mesmo, do aniquilamento de Deus em Jesus de Nazaré. É dom da paixão, morte e ressurreição do Senhor. Depende muito mais da abertura do homem a Deus e muito pouco ou quase nada das obras que o homem possa realizar. Exige coerência de vida e fidelidade em todos os momentos. Benditos os homens espirituais que são os verdadeiros sábios da face da terra.

4. Seguimento de Cristo

Todas as espiritualidades que compõem o mosáico da espiritualidade de cristã comportam o empenho no seguimento de Cristo. Os grandes espirituais foram marcados pela virulência do Evangelho. Atraídos por

Deus, movidos pelo Espírito, relativizando os projetos humanos de toda sorte, esses espirituais passaram a querer seguir Cristo Jesus. Todos eles são habitados por esse desejo de seguir, quase que ao pé da letra, os pedidos de santidade enunciados pelo Evangelho. Mas seguir o Evangelho é seguir Jesus Cristo. Francisco de Assis, Bento, Terezinha de Lisieux, Teresa de Calcutá, Inácio de Loyola querem ser homens e mulheres do Evangelho. Os apelos do Evangelho do despojamento total reboam em seus corações: deixar família, bens, posições, prestígio, para livremente poderem transformar-se em criaturas novas, conforme a Boa-Nova do Evangelho. Vai o homem se despojando de tal forma, não pelo prazer de aniquilar-se, mas para encontrar a vida. O espiritual é aquele que faz do Sermão da Montanha seu programa de vida: pobreza de coração, disposição para construir a paz, sofrimento por ver que o Evangelho não é vivido, oração feita com as portas fechadas, esmola e jejum realizados com discrição, confiança na Providência de Deus, sim que é sempre sim e não que é não, generosidade para com o próximo que chega ao ponto de perdoar, fazer e não somente dizer que faz, vida construída sobre a rocha e não sobre a areia. Tudo isso porque o homem espiritual sabe que precisa escutar o convite de ser perfeito como perfeito é o Pai dos céus. Tudo isso em função do Reino que está em construção.

Quando Francisco de Assis compreendeu a vontade de Deus a seu respeito, escreveu uma primeira regra que não era outra coisa senão uma colcha de retalhos de textos dos Evangelhos. Viver a vida nova era simplesmente viver o Evangelho.

Entra-se assim num processo de conversão. Ela é sinal do mundo nomais. Julgamos a espiritualidade de alguém a partir de seu empenho efetivo em entrar no processo dessa conversão. Ela é sinal do mundo novo e por ela se entra já agora nele. Se os fundadores decidem fundar famílias religiosas é porque querem viver uma vida de penitência. São incontáveis as regras das Ordens e Congregações que falam da meta de suas famílias que é a conversão.

Cumpre ainda notar que os fundadores de famílias religiosas foram tocados pela meditação do relato da vocação dos apóstolos. Compreenderam que o seguimento de Cristo, o mais perfeitamente possível, era ponto de honra para obtenção de uma vida espiritualizada.

Na oração e na ação

Quando se fala em espiritualidade pensamos imediatamente numa intensa vida de oração. O homem que vai se despojando de si mesmo e descobrindo Deus e sua ação na própria vida e na história, não pode se privar da oração contemplativa e meditada. É sinal de intensa vida espiritual o contacto pessoal, reflexivo e afetivo entre o homem e o Senhor para o Qual convergem as melhores intenções do homem. Em todos os grandes espirituais há essa fome de oração. Teresa de Calcutá passa horas em meditação diante do Santíssimo, perdida em contemplação, levando a oração para a ação e sua ação para a contemplação. Teresa é

lher de ação. Mas é mulher de intensa oração. Catarina de Sena, preocupada com a unidade da Igreja na época de Avinhão, vive ao mesmo tempo o intensíssimo amor pela Trindade que ela gostaria de ver em toda sua luminosidade. Mistura-se o êxtase com uma ação em prol da unidade da Igreja ameaçada. Os grandes espirituais são constantes convites feitos à vida interior e à busca da dimensão profunda da existência. João Paulo II lembrava recentemente que a mensagem de São Bento é um convite à interioridade, à solidão interior, ao silêncio contemplativo, à vitória da agitação sobre o mundo. Esse diálogo orante leva o homem às alturas de Deus. Hoje, mais do que nunca, as comunidades monásticas tomam consciência de seu ministério eclesial. Descobrem-se inseridas numa determinada paróquia, num contexto social e local. Esses monges falam então de Cristo às pessoas que os buscam, e O levam a muitos, através de suas obras feitas no próprio mosteiro ou fora dele. Esse jogo entre oração e ação vem bem claro no lema do "ora et labora". Essa oração profunda levará o monge a viver na presença de Deus. Em qualquer lugar em que estiver, suas ações serão expostas a Deus, seja no ofício divino, nos jardins, ou nos caminhos (cf. Regra de São Bento cap. 7). Charles de Foucauld compreendeu bem o que significava "perseverar na oração". Em Nazaré, quando vivia no jardim das Clarissas, passava horas em contemplação. No Saara, seu tempo era literalmente ocupado pela visita de militares, por trabalhos de lingüística, e pela aco-

a mulher do trabalho caridoso. É mu-

Ihida de doentes e cuidados com eles. Teresa d'Ávila dirá que a oração mental não é outra coisa senão expressão de amizade, face a face, constante, com Aquele de quem nos sabemos amados. Com esta força ela pode ser a grande reformadora do Carmelo. Essa ação é fruto da vida interior.

6. Espiritualidades encarnadas na História

Hoje mais do que nunca se coloca em realce a idéia de que as grandes espiritualidades cristãs se inserem em contexto histórico bem determinado e preciso. Em determinadas épocas, a História permite que se fizesse uma leitura nova da realidade a partir da eterna novidade e juventude do Evangelho, e da ação do Espírito no hoje do mundo. Só se compreende Vicente de Paulo a partir de seu tempo. Os beneditinos nasceram no contexto da História da Europa do final do século V e inícios do século VI. Particularmente inserida na História é a espiritualidade do movimento franciscano da Idade Média. Estava-se assistindo ao desmoronamento do mundo feudal das divisões, da dominação dos senhores sobre os súditos, das desigualdades gritantes, Havia um imenso desejo de libertação na Itália. O movimento da base ganha força e nascem as comunas. Francisco, filho de um mercador da cidade e não mais um vassalo de um suserano, alegra-se com o movimento de igualdade. Aos poucos, os novos tempos mostram que os mercadores e os homens da comuna não conseguem a fraternidade que o idealista Francisco pretendia ver vivida em sua cidade. Continuam as diferenças. A Igreja vive um momento de cuidados terrenos. O apego ao dinheiro se apossa dos habitantes das cidades que vão nascendo. O poder, o prestígio, o dinheiro aviltam os nobres ideais dos fundadores da comuna. Nessa altura Francisco é visitado pelo Espírito e compreende o despojamento vivido por Cristo Jesus. Vai compreendendo que a grandeza verdadeira está na pobreza estampada na figura do Menino das Palhas e do Crucificado. Essa é boa-nova que entra em sua carne: Deus nos ama e se torna uma criança e um condenado à morte. O não ter é valor. O não possuir dá liberdade. Essa pobreza nos faz tomar consciência de uma dependência total de Deus. O mundo precisa ser uma grande terra de irmãos, de irmãos pobres, de irmãos menores. E é preciso ir pelo mundo afora anunciando as maravilhas do amor de Deus. Ser missionários. Pobres, fraternos, simples, missionários, os frades irão viver à sua maneira a vida espiritual. Poderíamos assim detectar a encarnação de cada uma das espiritualidades que constituem a sinfonia da espiritualidade cristã.

Em nosso contexto latino-americano a espiritualidade cristã ganha as conotações de libertação, de promoção integral do homem, de respeito pela dignidade dos homens que aqui vivem. Os homens e mulheres espirituais associarão contemplação e libertação. No meio das lutas, das contradições, dos conflitos, os espirituais haverão de mergulhar-se em Deus e mergulhar na realidade que é a nossa. Esses homens que vivem em contacto com

o Absoluto, penetrarão, visitados pelo Espírito, as engrenagens todas da vida de todos os dias. Os homens espirituais são mensageiros da paz, da reconciliação, do amor. Mas essa encarnação de tais valores não se faz sem conflitos e sem lutas árduas. Portadores dos valores do Reino, os homens que abandonaram o mundo do pecado, se tornam solidários de todos os que vivem em toda sorte de escravidão, para anunciar-lhes, com palavras e gestos, que chegou o Reino porque os cegos vêem e os prisioneiros são libertados.

7. Sempre de novo a caminho

A vida espiritual é um caminho que precisa sempre de novo ser retomado. É necessário ir adiante na direção de uma vida mais intensa e de uma união mais estreita com Cristo. Paulo já dizia que tinha empreendido uma corrida e que continuava sempre adiante (Flp 3,12-13). A vida espiritual é o caminho da transformação pessoal, da obediência e um apelo que nos vem do Senhor e da Verdade. Não se trata de um caminho fácil. Os falsos espirituals e os devotos "melosos e carolas" se instalam numa espécie de conforto mental, e são cegos para enxergar a própria realidade e as engrenagens do mundo. Em nossos dias há fortes correntes de "escapismo" da realidade. Há fugas para o passado. Há tentativas mais ou menos claras de instalação em pseudo-seguranças interiores que mais se parecem com o estado de torpor anestésico, do que vitalidade do Espírito. O verdadeiro espiritual tem consciência de não poder parar. Considera-se sempre a caminho. Sabe

que precisa abandonar idéias, hábitos e práticas. Despoja-se a si mesmo. Renuncia a si mesmo. Sua tarefa nunca termina, e tudo está ainda por fazer. Quando Francisco de Assis já estava quase no fim da vida, depois de ter percorrido um belíssimo caminho espiritual, seus frades o queriam "canonizar" antes do tempo. Dizia ele então que era preciso começar porque até aquele momento nada tinha feito. O homem espiritual se posiciona diante de situações novas, de acontecimentos pessoais e históricos inesperados. Bergson dizia que o mais impressionante na figura de Jesus, e de seu Evangelho, era esse convite de sempre ir adiante e nunca parar. Há combates a serem travados, e novos limites a serem transpostos. Não é possível prever a totalidade do caminho do itinerário. Conhecemos mais ou menos as linhas gerais da estrada. Mas no dia a dia será necessário rever a rota, discernir as modificações que se operam em nós, na Igreja que vivemos, no ambiente que nos cerca e sobretudo na História, este grande cenário onde sopra o vento do Espírito.

Dominicanos, jesuítas, saletinos, redentoristas, palotinos, salesianos, lazaristas hão de se questionar no hoje do mundo. Como essas espiritualidades poderão ser atuais no coração da Igreja? Como conservar o vigor de Teresa d'Ávila, de Bento, de Francisco de Assis, nessa altura de nossa viagem espiritual no coração da realidade?

O povo de peregrinos do Absoluto continua sua marcha através dos tempos celebrando os encontros com o Espírito que sopra onde quer.

ISRAEL E A EXPERIÊNCIA DE DEUS

LEITURA DO SALMO 139

Pe. Ivo Storniolo

São Paulo - SP

Refletir sobre a experiência que lsrael teve de Deus implica três tarefas estreitamente ligadas entre si:

- fazer um histórico da relação de Israel com Deus, que se processou gradativamente através de circunstâncias vitais e momentos históricos diferentes;
- analisar a descoberta progressiva que Israel foi tendo de Deus por meio de suas experiências de Deus, pois através delas pouco a pouco esse povo representou para si a "identidade" de Deus;
- analisar a descoberta progressiva que Israel teve de si mesmo nessas experiências, pois através delas Israel conheceu pouco a pouco sua própria identidade, a ponto de dizer que o homem foi criado "à imagem e semelhança" do próprio Deus (Gn 1,26s).

Todavia, não cabe aqui uma análise em base a todo o Antigo Testamento. Na literatura veterotestamentária há um livro que privilegia de modo especial as diversas formas e aspectos da experiência de Deus: os SALMOS. Mas a difficuldade contlnua: como analisar rapidamente os 150 salmos, sem correr o risco da superficialidade? Frente a tais limitações, procuramos restringir ao máximo o campo da análise e escolhemos para a nossa reflexão o Salmo 139 (138 na Vulgata). Este salmo não nos oferece a possibilidade de falar extensivamente sobre as experiências que Israel teve de Deus, mas, sem dúvida, mostra-nos qual foi a mais profunda. (Nota: seguimos a tradução dos salmos publicada em "SALMOS E CÂNTICOS, A ORAÇÃO DO POVO DE DEUS, Edições Paulinas, São Paulo, 1984, 2.ª edição).

1. LEITURA DO SALMO 139

O salmo 139 é um dos mais belos do todo o Saltério. Sua inigualável reflexão sobre a ciência e a presença de Deus fascina qualquer pessoa, e é difícil alguém permanecer neutro frente à profundidade que nem

sempre sabe avaliar, mas de que facilmente pode suspeitar.

1.1. Problema

Acrescentemos logo, porém, que

este salmo encerra um problema: salta à nossa vista a diferença de tom e de tema que existe entre os vv. 1-18.23-24 e os vv. 19-22. Assim, muitas pessoas de bom grado saltam do v. 18 para o c. 23. Alguns estudiosos, por sua vez, chegam a falar de dois salmos acoplados. Como resolver?

O problema da unidade do salmo, bem como de sua correta leitura e interpretação, depende da maneira como lemos o v. 18b. O texto hebraico traz o verbo qyç, "despertar", possibilitando a leitura: "e, ao despertar, ainda estou contigo!" Alguns manuscritos e vários estudiosos, porém, alteram as vogais e encontram aqui o verbo qçç, "chegar ao fim, terminar", que produz a leitura: "e, ao terminar (ou ao chegar ao fim), ainda estou contigo!" Qual das leituras escolher?

A leitura mais comum ("ao despertar") fornece a chave para compreender o verdadeiro contexto vital do salmo e, deste modo, interpretar corretamente o salmo como um todo.

1.2. Contexto vital

O salmista faz uma longa e profunda meditação sobre o conhecimento que Deus tem de sua pessoa (vv. 1-6), sobre a impossibilidade de fugir da presença de Deus (vv. 7-12) e sobre a criação do seu próprio ser e história (vv. 13-19). Repentinamente ele muda de tom e apresenta duas súplicas: pede que Deus o vingue, fazendo justiça contra seus inimigos (vv. 19-22) e lhe mostre o seu caminho (vv. 23-24).

Em que situação se encontra o salmista? A menção do "despertar" no v. 18 faz pensar que os vv. 1-18 se referem a uma experiência que acontece à noite, enquanto que os vv. 19-24 indicam algo que acontece de manhã. Após meditar à noite, o salmista talvez cochila ou dorme e, de manhã, quando desperta, ainda se encontra junto com Deus, isto é, no Templo, onde Deus está presente de forma sacramental. Supomos então que de manhã aconteceu algo que o fez mudar de tom, pedindo que Deus afaste dele os assassinos. e até mesmo sugerindo que os mate... (v. 19).

Os indícios que levantamos (conhecimento de Deus que sonda o homem, impossibilidade de fugir, noite, manhã, súplica por vingançajustiça) fazem pensar que o salmista está na mesma situação em que se encontram os autores dos salmos 7; 17; 27. Embora pertencendo a gêneros literários diferentes, a comparação desses três salmos com o SI 139 mostra que nos quatro casos encontramos uma pessoa que está sendo julgada no Templo, o Tribunal Superior de Israel. Conforme Dt 17,8-13 esse Tribunal Superior entra em funcionamento quando as causas em questão — em geral acusações graves que implicam sentença de morte — são muito difíceis para serem dirimidas pelos tribunais comuns, formados pelos anciãos na porta das aldeias e povoados (Dt 19, 2; 21,1-8.19; Zc 8,16) e por juízes profissionais nos centros majores (Dt 16,18ss).

Como se processava o julgamento no Templo ? O texto de Dt 17,8-13,

junto com os quatro salmos citados podem nos dar uma idéia. Acusado gravemente, sem possibilidade de defesa e abandonado por todos (SI 27,10), o réu é levado ao Templo, onde só um milagre poderá salvá-lo (SI 17,7). O julgamento é feito em duas fases. Primeiro o réu é submetido a um processo de incubação: deve passar a noite no lado direito do Santuário, ou seja, na presença de Deus, que vai sondá-lo e examiná-lo de todos os modos, a fim de julgá-lo culpado ou inocente (SI 7,7-9; 17,3.7). De manhã realiza-se uma cerimônia em que o sacerdote apresenta a sentença de Deus (Dt 17, 19ss). Para chegar à sentença usamse vários métodos: exame dos sonhos que o réu teve à noite, buscando neles uma resposta de Deus (Nm 22,7-13; 1Rs 3.4-5; 19,4-8); ou um rito de ordálio, em que o réu e seus acusadores devem tomar uma "poção mágica" (água envenenada ou amaldiçoada) ou submeter-se a uma prova com fogo: os efeitos da água ou do fogo na saúde mostram quem é inocente; mais provável, porém, é a tiragem da sorte com o auxílio do efod.

A tiragem da sorte com o efod é o método que mais esclarece os textos em questão. O efod, em geral entendido como estola sacerdotal é, na realidade, uma imagem ou figura divina (cf. Jz 8,27; 17,5), e por vezes foi chamado de "lahweh" (1Sm 23,1-6; 30,7-8). Note-se que Jz 17 e 18 e Os 3,4 o efod é apresentado em paralelo com imagens esculpidas ou fundidas. Talvez o efod fosse em princípio uma placa: um dos lados era opaco, o outro era revestido de ouro, representando a glória ou a

face de lahweh. O sacerdote levava essa placa envolta numa roupa que depois recebeu o nome de efod; num momento de cerimônia ele pegava a placa e a spresentava. Conforme o lado voltado para o réu, vinha a sentença de inocente (lado brilhante = face de lahweh) ou culpado (lado opaco). Isso nos leva a entender de modo muito concreto expressões como "contemplar a glória de lahweh", "admirar seu esplendor", "procurar a sua face" e "ver a bondade de lahweh" (SI 27,8-9.13), e principalmente as expressões "que minha sentença provenha de tua face", ou "...verei tua face; ao despertar, eu me saciarei com a tua Imagem" (Sl .17,2.15).

O contexto do julgamento no Templo não só se ajusta, mas dá também um relevo novo ao SI 139, apresentando-o como unidade em que todas as partes estão intimamente relacionadas e ganham sentido: após a incubação noturna (vv. 1-18), o salmista recebe a sentença. O fato de continuar com Deus, isto é, no Templo (v. 18), mostra que ele foi declarado inocente. Agora ele pede que Deus faça justiça contra os inimigos que o caluniaram (vv. 19-22). Finalmente, ele pede que Deus o guie pelo caminho da vida (vv. 23-24).

Essas considerações mudam completamente a ótica com que lemos o SI 139. Ele não é o produto de alguém que reflete na tranquilidade de sua mesa de trabalho ou medita no silêncio confortável de um retiro espiritual. Pelo contrário. É o testemunho de alguém que se encontra no limite extremo, entre a vida e a morte, desesperado porque não tem a quem recorrer ou lugar para onde fugir. Só lhe resta entregar-se inteiramente e esperar que Deus faça justiça. E, como veremos, é no clima desta situação terrível que o salmista tem a mais bela e profunda experiência de Deus e de si mesmo que encontramos no Antigo Testamento e, talvez, em toda a Bíblia.

1.3. Gênero literário

O SI 139 pertence ao gênero sapiencial, gênero que compreende registros de percepções e elaborações
profundas que têm como ponto de
partida a experiência concreta. Aqui
trata-se de uma experiência impar:
solidão, abandono, contexto de julgamento, exame intimo, iminência
de sentença de morte. Numa experiência em que o humano é empurrado para o extremo limite de si
mesmo, aflora a experiência de encontro com o próprio Deus, a maior
e a mais profunda a que o homem
pode chegar.

1.4. Análise

O salmo se divide em quatro grandes estrofes ou partes, bem individuadas tematicamente (vv. 1-6.7-12. 13-18.19-24). Procederemos à análise observando essa estruturação.

1.4.1. Deus conhece tudo (vv. 1-6)

Atingido por caluniadores que o acusam de ter cometido um crime grave do qual não consegue se defender, o salmista vai expor-se ao olhar de Deus. Vai enfrentar o mais radical dos julgamentos, porque só Deus "sonda o coração e os rins"

(SI 7,10; 26,2; Pr 21,2; Sb 1,6) ou, como diríamos na linguagem da moderna psicologia, só Deus vê a consciência e o inconsciente. Deus conhece o que o homem é na totalidade dos seus projetos conscientes e impulsos inconscientes e, portanto, só ele pode julgá-lo e fazer-lhe justiça.

A primeira certeza é a de que Deus conhece tudo (v. 1). Esse conhecimento, porém, não é vago e distante. Os verbos mostram que Deus tem um conhecimento qualificado e totalizante: ele sonda, conhece, penetra, examina, tem familiaridade, conhece com antecedência, envolve, sabe... Numa palavra, Deus perscruta o homem em todas as suas dimensões: ser físico, situações vitais, comportamento.

A existência humana é apresentada aqui em suas polaridades, isto é, a partir da oposição de extremos múltiplos que perfazem o todo das contingências da vida: sentar-levantar, andar-deitar, pensamento-palavra, (imobilidade)-caminho. O mesmo que dizer que Deus conhece a atividade e o repouso, o projeto mental e a sua execução verbal e prática, o ser e o comportamento. Mais ainda, o conhecimento de Deus abarca o homem totalmente, ultrapassando-o no espaço e no tempo: a expressão do v. 5 - trás, frente, sobre - mostra que Deus envolve o homem, tanto em termos geográficos (segue, anda junto, precede) como em termos temporais (passado, presente, futuro). O homem vive em lugares e momentos parciais, mas Deus o vê de modo instantâneo e global.

O conhecimento de Deus delxa o homem transparente, mas escapa ao próprio homem. Daí a exclamação: "É um saber maravilhoso, e me ultrapassa, é alto demais: não posso atingi-lo!" (v. 6) Não é uma exclamação de alegria, mas de pavor: no contexto de um julgamento a perspectiva de um olhar que tudo penetra produz o medo do desconhecido, o temor de que Deus veja coisas que o próprio homem não vê. Com efeito, apesar da impossibilidade de se defender, o salmista tem consciência de ser inocente do crime de que o acusam. Quanto ao resto, porém, quem é perfeito? (SI 25,7)

O salmista chega à percepção de que Deus é onisciente. E isso significa que para Deus não existe segredo: nossos mistérios mais ocultos são coisas manifestas. Não é possível esconder nada. Tudo se torna público, pois nada escapa a esse olhar penetrante, nem mesmo aquilo que o próprio homem desconhece. Em outras palavras: Deus conhece o homem mais do que o próprio homem conhece a si mesmo. E, diante disso, o salmista tenta fugir (v. 7). Qual de nós não tenta fugir quando está diante do olhar inquiridor de um médico, ou psicólogo, ou confessor, ou simplesmente diante de si mesmo num exame de consciência? E há muitos modos de fugir: ausência, ocultação, explicações, autojustificações, racionalizações, etc.

1.4.2. Deus está presente a tudo (vv. 7-12)

Apavorado diante do conhecimento de Deus, o salmista procura fugir (Gn3,8-10) para longe da presença que o cria e lhe dá vida com seu sopro (v. 7; Gn 2,7). Ele sabe, porém, que não é possível escapar de Deus (Jonas 1). Sua tentativa é, antes escapar aos limites da condição humana, apresentada novamente como um todo que se exprime através de oposições polares: céu-xeol, oriente-ocidente, treva-luz.

A primeira possibilidade é a de fugir para uma falsificação de si mesmo (v. 8). Céu e xeol aqui não são apenas lugares, mas condições: o céu, moradia divina, representa condição transcendente de Deus; o xeol, moradia dos mortos, expressa a condição do ser aniquilado. É fugir para o tudo ou para o nada: ou inflacionar-se, usurpando a condição divina, ou aniquilar-se, fugindo para a condição reduzida do morto-vivo. Fugas infrutíferas, pois no céu está o próprio Deus (SI 115,16) e até mesmo no xeoi o homem o encontra. Este último pormenor é uma inovação corajosa na dogmática israelita, pois todo o AT afirma que o xeol é o o lugar da ausência de Deus (SI 6,6; 16,10; 88,11-13, etc). Nem se autodivinizando ou se auto-aniquilando o homem consegue escapar a Deus.

Vem depois a possibilidade da fuga espacial (v. 9). Para o semita a oposição oriente-ocidente (auroramar) exprime a totalidade do espaço. Quantos não fazem mudanças ou longas viagens para fugir dos problemas ?Contudo, mesmo que o homem pudesse escapar de todas as limitações espaciais a que está sujeito, ele jamais escaparia de Deus. Pelo contrário, Deus o acompanharia em todo e qualquer lugar (v. 10): todos

. .

os espaços se estreitam entre as mãos de Deus.

A fuga mágica, é a última possibilidade: esconder-se na treva (v. 11). Temos aqui a blasfêmia de Jó, que desejaria não ter nascido (Jó 3), mas também uma referência a práticas de magia negra: envolverse com um manto de treva e noite, as grandes inimigas do Deus que é luz (1Jo 1,5) e que criou a luz em primeiro lugar (Gn 1,3). Contudo, treva e luz são a mesma coisa para Deus. Nem mesmo a magia, que se arroga poderes sobre-humanos, é capaz de construir barreiras que escondam ou separem o homem de Deus.

O salmista chega à percepção de que Deus é onipresente. É isso significa que não é possível esconderse ou fugir de Deus, pois para Deus todas as distâncias se estreitam e todos os esconderijos se tornam lugares públicos. Em outras palavras: Deus é mais presente ao homem do que o próprio homem é presente a si mesmo. E isso não depende do homem: invocado ou não invocado, Deus sempre está presente. Para Deus não existe lugar e sua presença está simultaneamente em todos os lugares, como diz uma antiga e paradoxal apresentação de Deus: "Deus est circulus cuius centrum ubique, circunferentia vero nusquam" (Deus é um círculo cujo centro está em toda parte e cuja periferia não se encontra em lugar algum).

1.4.3. Deus é a base do ser (vv. 13-18)

O medo e a tentativa de fugir do

conhecimento e da presença de Deus levaram o salmista à percepção de que Deus o conhece e é mais presente a ele do que ele próprio se conhece e está presente a si mesmo. Agora é o momento da entrega confiante e total em que ele vai fazer a maior descoberta da vida. Diríamos que o salmista vai ao encontro de Deus, mas por meio de um mergulho através de si mesmo: mergulho através do corpo, até chegar à primeira célula; mergulho através do psiquismo, até chegar ao limiar da alma; mergulho através da história pessoal, até chegar ao primeiro dia. E, para além da primeira célula, do limiar da alma e do primeiro dia, o encontro com o Deus Criador, fonte e base do seu ser inteiro: corpo, alma e história.

O salmista se depara com a realidade do Deus Criador, que forma não só o seu corpo, mas a sua realidade interior, representada pelos rins (v. 13). Na antropologia israelita os rins são a sede dos sentimentos, emoções e impulsos instintivos, correspondendo à nossa concepção atual do inconsciente na psicologia profunda, principalmente na visão de Carl Gustav Jung. O v. 13b apresenta Deus como um tecelão que forma os tecidos orgânicos no útero da mãe, a qual se torna receptáculo e instrumento da ação de Deus.

A nova percepção provoca imediatamente uma explosão de agradecimento (v. 14ab), pois o salmista se descobre como prodígio e maravilha de Deus, Temos aqui uma referência incomum ao tema da criação: o israelita em geral se admira diante da criação do universo (Gn 1-2 e salmos de louvor), bem como da posição em que o homem foi colocado na natureza (SI 8). Aqui, porém, o salmista admira a si próprio como obra do Criador, atribuindo a si o termo técnico "maravilha" que, em geral, é reservado às grandes intervenções de Deus no universo e na história, como a criação, o êxodo, etc. = cada pessoa no mundo tem o mesmo valor que a criação toda, o êxodo...

Desde o momento da gestação nada escapou a Deus: ele já conhecia o psiquismo do homem (= alma, v. 14c) e também a estrutura do seu ser (= ossos, v. 15a). No v. 15bc a imagem muda: agora Deus é o oleiro (Gn 2,7; Is 45,9) e o útero materno torna-se forno e terra-mãe. Todavia, o mais importante é que, além de criar o ser físico e espiritual do homem, Deus também já criava a sua história: tanto os dias como as ações do salmista já estavam calculados e registrados, antes mesmo do seu nascimento (v. 16; SI 31,16; Jó 14,5; MI 3,16; Dn 7,10; Ap 20,12). O homem descobre a si mesmo como processo em realização progressiva, e só enxerga o próximo passo; mas Deus, ultrapassando o tempo e o espaço, criou e fixou o projeto pessoal inteiro, bem como cada passo da sua concretização. Contudo, se Deus já fixou a história do homem, onde fica a liberdade? Para não nos alongarmos, levantamos apenas duas outras perguntas: será que o máximo da consciência e da liberdade humana não é justamente descobrir, aceitar e concretizar o projeto que Deus formou e entregou a cada um? Existirá realização humana verdadeira fora do projeto de Deus?

Os vv. 17-18a trazem hova exclamação. A experiência pessoal leva o salmista à contemplação do projeto de Deus. Os pensamentos de Deus não são teorias abstratas, mas atos concretos, projetos que se manifestam concretamente no espaço e no tempo. Conhecimento e presença divina se transformam em criação e providência. O projeto de Deus é uno, inteiro e completo. Mas o homem, imerso no tempo e no espaço, só pode ver e captar momentos parciais desse projeto. Tenta compreender, dividindo para analisar e somando para sintetizar. Mas o projeto total lhe escapa, permanecendo um mistério difícil (v. 17). E nessa contemplação o salmista, talvez cansado, adormece. De manhã, ao despertar, realiza-se a cerimônia para pronunciar a sentença do julgamento, ele é declarado inocente e pode continuar no Templo, junto à presença de Deus...(v. 18b).

Mergulhando para o fundo do seu corpo, da sua alma e de sua história o salmista chega ao máximo da percepção de si mesmo e de Deus. Situado nessa fronteira inicial, ele percebe a si próprio como projeto nas mãos do Criador. Descobre a mônada essencial do seu si-mesmo, o "espelho" sem forma e dimensões que reflete a imagem e semelhança do próprio Deus (Gn 1,26s). Tudo o mais — sua história, seu desenvolvimento físico e psíquico — já está misteriosamente contido nessa unidade inicial constituída pela imagem de Deus. E para além dessa imagem? Atravessando a fronteira do ser, se fosse possível, encontra-se o mistério dos mistérios: a presença do próprio Deus onipresente e onisciente, porque fonte e base de todo ser e projeto amoroso de todas as existências. Poderia um homem descobrir e experimentar algo mais profundo do que isto?

1.4.4. Súplica: justiça e identidade (vv. 19-24)

Após ter superado a prova do julgamento e recebido a sentença favorável, o salmista apresenta duas súplicas.

Primeiro pede que Deus faça justiça (vv. 19-22). Talvez nos espantemos diante do contraste com a meditação que o salmista acabou de fazer durante a noite. Todavia, ele apenas recorre à base legal do talião, que prevê uma justa proporcionalidade — "olho por olho, dente por dente" (Ex 21,24; Dt 19-21) — e aquilo que sempre está em jogo na justiça: o restabelecimento da honra de quem foi denegrido por uma acusação infame.

Os inimigos certamente caluniaram o salmista com uma acusação grave, que podia levá-lo à sentença de morte. Por isso eles são impios e assassinos (literalmente "homens de sangue"). Não estranhemos que o salmista peça a morte para eles. Mais ainda: estes inimigos são inimigos de Deus (v. 22), o ódio deles é ódio contra Deus (v. 21), e sua atitude contra o salmista foi uma ironia e rebelião contra Deus (v. 20), pois, além de caluniarem injustamente um fiel, desafiaram a justiça do Tribunal Superior, onde o Juiz é o próprio Deus.

A lógica do salmista é impecável:

ele tolera o ímpio e a testemunha assassina? Ele toca a realidade do mal, mas reduz o mal à existência de quem o pratica. Notemos, porém, que ele apenas faz perguntas usando o condicional e não o imperativo das súplicas: "se...se... não odiaria?... não detestaria?..." Diríamos que o salmista está premiado pela busca da justiça, mas as certezas de outrora ficaram abaladas pela experiência mística que viveu durante a noite. Afinal, o Deus que conhece, está presente e é a fonte e base de todo ser, é também a base do ser do ímpio! E agora? Chegamos aqui ao drama fundamental que se desenrola na arena da liberdade humana: o homem pode rebelar-se contra Deus e rejeitar o projeto que Deus formou e lhe entregou. Como Deus reagirá a esta recusa? Como verá o ímpio? Em base a qual forma de justiça ele se comportará? Continuando o pensamento de Ezequiel (Ez 18,23.32), o NT mostrará que a justiça de Deus é a misericórdia, pois Deus "não quer a morte do pecador, mas sim que o pecador se converta e viva" (cf. Mc 2,15-17 e paralelos; Lc 15, especialmente o v. 7). Deus é juste, amoroso e cioso: não quer perder um só fragmento de sua imagem e semelhança, colocada em cada um dos seres que ele criou (Sb 1,13-15).

se Deus conhece, está presente,

acompanha e dirige tudo, por que

O segundo pedido do salmista (vv. 23-24) é para que Deus Ihe revele a sua própria identidade e o guie no caminho da realização. Agora ele retoma positivamente a experiência anterior pedindo que Deus sonde seu coração e rins (v. 23), exata-

mente aquilo que o havia apavorado no início (cf. v. 1). Se Deus o conhece e é mais presente a ele do
que ele próprio se conhece e está
presente a si mesmo, então que
Deus o revele a si mesmo. Conhecimento e atuação da própria identidade tornam-se o dom de Deus em
resposta à busca que o homem tem

de si mesmo. E o v. 24 mostra o ápice da liberdade de quem se entrega inteira e confiantemente nas mãos de Deus: só Deus conhece o caminho da vida e só ele pode conduzir o homem à sua completa realização. Caminho fatal é o projeto humano que não coincide com o projeto de Deus...

2. TEOLOGIA E ATUALIZAÇÃO

A riqueza teológica do SI 139 é fato que salta aos olhos, e são muitas as consequências que ele traz para a visão sobre Deus e o Homem. Esboçaremos apenas algumas perspectivas e prolongamentos, seguindo a linha de análise proposta no início.

2.1. Identificação do homem: uma questão teológica

O homem não conhece a si próprio. Ele pode ter uma relativa consciência de si, baseada na superfície de sua aparência física, na memória curta de seus tempos recentes e na reação interna provocada pelos últimos encontros e acontecimentos. Mas ignora o segredo de seus processos físicos internos, facilmente se esquece da espessura da história passada e tem medo das profundidades de sua alma, imersa no mar desconhecido do inconsciente. O homem vive preso à casca do ego que o identifica fragilmente a si próprio e aos conhecidos e, na maior parte do tempo, representa seu papel disfarçado pela persona, a máscara funcional que o torna apresentável e útil à estrutura vigente na sociedade.

Em profundidade, porém, o homem é um mistério para si próprio. Pouco se conhece e, por isso, não é capaz de se julgar, manifestando sua verdade para si mesmo. Sua identidade íntima e última é conhecida unicamente por Deus. Por isso o homem só pode se conhecer profunda e realmente quando se encontra com Deus. Nesse encontro a busca da própria identidade torna-se pedido e súplica para que Deus revele o homem ao próprio homem (vv. 23-24). 24).

Se atacado ou caluniado, o melhor que o homem faz é entregar sua defesa a Deus, certo de que sua honra (= glória) e salvação dependem de Deus (Sl 62,8). Ele manifestará a verdade e a inocência do homem, revelando sua identidade e restabelecendo sua honra. Isso ecoa fortemente em Paulo (1Cor 4,3-5).

Frente à vida e aos inúmeros conflitos suscitados pelas relações, o mesmo vale de nós para os outros: nos julgarmos, buscando racionalizações, explicações e justificativas para nos declararmos culpados ou inocentes, justos ou pecadores. E o

2 8

mesmo vale de nós para os outros: jamais devemos julgar, pois, se pouco sabemos de nós mesmos, menos ainda conhecemos dos outros. A psicologia profunda e, muito antes dela, o Evangelho, apontam para o perigo da projeção contido no julgamento: "não julgueis, para que não sejais julgados... com a medida com que tiverdes medido (os outros), (os outros) vos medirão também" (Mt 7,1-5). O julgamento cabe a Deus e só ele faz justiça, porque só ele conhece toda a verdade do homem.

Para examinar-se e conhecer-se o homem deve abrir-se ao Deus que o sonda e julga. Só ele pode quebrar nossas racionalizações, manifestando nossa identidade profunda e colocando-nos diante do dilema da conversão: sermos apenas e totalmente nós mesmos. E Deus nos mostra a verdade (= julga) através da sua Palavra, que assumiu muitas formas na história e, por fim, manifestou-se totalmente em Jesus Cristo (Hb 1,1-4). Jesus é o julgamento e a sentença de Deus e, doravante, é diante dele que podemos conhecer e avaliar nossa realidade, sendo declarados inocentes ou culpados, conforme estejamos ou não atuando a Humanidade que Deus nos confiou (Jo 3,16-21).

2.2. Deus, fonte e base do ser do homem

A percepção da onisciência e da onipresença de Deus levam o salmista a descobrir que Deus é a fonte e a base do seu ser, e também à experiência de que na base de sua existência está o si-mesmo, o "es-

pelho" misterioso que reflete a imagem e a semelhança do próprio Deus (Gn 1,26s). Esta realidade do si-mesmo, porém, não é um fato estático mas um projeto dinâmico, um potencial que contém o ser físico, o psiquismo e a história do homem. Como tal, ele é um projeto a ser atuado e concretizado, desenvolvido e transformado em história. Mas o simesmo continua a ser sempre um "espelho" que reflete a imagem e semelhança de Deus e, para refletila, deve estar sempre voltado para Deus, em contínua relação com ele. Essa descoberta acarreta duas consequências fundamentais:

A relação humana é mediação para a relação com o próprio Deus. A psicologia e a filosofia existencial mostram que o indivíduo só se torna pessoa humana no encontro e na relação com outras pessoas. A Bíblia mostra que o homem só se torna humano quando se encontra e se relaciona com Deus. Mas progressivamente a Bíblia mostra também que é impossível reconhecer e relacionar-se com Deus sem encontrar, reconhecer e relacionar-se com os outros. Porque Deus é fonte e base do meu ser, mas não só do meu: é fonte e base de todo ser, do ser de cada homem. O encontro e a relação com Deus só é possível dentro do encontro e da relação com o outro, onde a interpenetração leva ao mútuo encontro com o si-mesmo de cada um e, ao mesmo tempo, ao encontro com Deus. Na relação limitada entre seres finitos emerge a relação transcendental e misteriosa com o próprio Deus. Ousaríamos dizer que na relação entre as criaturas o Criador encontra a si próprio!

O pecado é ruptura com Deus, consigo mesmo e com os outros. Pecado é escolher o caminho fatal de um projeto de vida que não coincide com o projeto de realização que Deus formou e entregou para todos e cada um dos homens. Pecado, portanto, é ruptura, fuga e alienação. Primeiro o homem rompendo, fugindo e se alienando de Deus. Mas, como é Deus é fonte e base do ser, o pecado acarreta ao mesmo tempo ruptura, fuga e alienação de si-mesmo. Isso é dito admiravelmente por Jeremias: "que injustiça vossos pais acharam em mim, para de mim se afastarem? Correram atrás do vazio (o hebraico hebel = vazio = ídolos, falsos absolutos) e se esvaziaram..." (Jr 2.5). Deus é a fonte e a base da vida. Fora dele o homem só encontra o vazio e a aniquilação. Não só se afasta de Deus, mas também rompe consigo mesmo e perde a consistência. O "espelho" do si-mesmo fragmenta-se em mil cacos... Todavia, o pecado e também ruptura, fuga e alienação em relação aos outros, porque Deus é também fonte e base do ser dos outros. O resultado é a perversão total das relações que, em vez de levarem ao reconhecimento, comunhão e partilha para o mútuo crescimento, acarretam agora a alienação, a divisão e o conflito que produzem o mal estrutural, levando as pessoas a cada vez mais se desfigurarem e destruírem, através de relações de desigualdade, de exploração e opressão.

Gn 3-11 é claro: Adão incorre na alienação mortal do pecado porque, sendo criatura — imagem de Deus e dele recebendo o sopro da vida (Gn 2,7) — ele quer "ser deus", ne-

gando a Deus como Deus e a si mesmo como criatura. Falsificando a si
próprio ele falsifica a Deus e aos
outros, e, perdendo a realidade, fabrica o mundo monstruoso, alienante e aniquilador do pecado. O pecado é fundamentalmente um erro de
discernimento, uma falta de bomsenso.

2.3. Jesus revelação da identidade de Deus e do Homem

Conforme FI 2,6ss, ao encarnarse, o Filho de Deus despoja-se completamente de sua condição divina
para assumir pura e simplesmente a condição humana, com todas
as suas conseqüências: limitações
do tempo e do espaço, da fraqueza e da ignorância, do sofrimento e da morte. "Com exceção do pecado, em tudo ele foi provado como
nós" (Hb 4,15) "e, embora fosse Filho, aprendeu a obediência através
do sofrimento" (Hb 5,8), como qualquer outro ser humano.

A encarnação é fato radical: Jesus é verdadeiro homem, em tudo solidário e participante do humano. A tal ponto que, na concreticidade da sua pessoa, vida e ação, ele revela totalmente a identidade do homem, o projeto eterno e misterioso que Deus formou para toda a humanidade. Manifestando plenamente o humano, Jesus torna-se o modelo arquetípico daquilo que todo homem é chamado a ser. Isso não é tudo, porém. Na sua pessoa, vida e ação Jesus também revela totalmente a identidade de Deus, o mistério supremo. A ponto de João dizer que Jesus é o "intérprete" de Deus (Jo

1,18) e o autor da carta aos Hebreus ir mais longe ainda, afirmando que Jesus é a "expressão exata" do ser de Deus (Hb 1,3). Como é possível isso?

A chave para compreender Jesus como revelador de Deus e do Homem está em Cl 1,15: Jesus "é a imagem do invisível". O texto lembra imediatamente Gn 1,26s, apresentando Jesus com o Novo Adão, o homem radicalmente humano, formado à "imagem e semelhança" do próprio Deus. Em Jesus o projeto do si-mesmo, o "espelho" que reflete a imagem de Deus, não fica paralisado e embaçado pela recusa no pecado, mas realiza-se totalmente em seu ser, psiquismo e história, concretizando plenamente o projeto que Deus formou para toda a humanidade. Porém, ao mesmo tempo que Jesus concretiza o si-mesmo em sua humanidade, também Deus, refletido no seu si-mesmo, revela-se inteiramente através da humanidade de Jesus. É o que podemos captar claramente em João: "Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê, vê o Pai! Como dizes tu: 'mostra-nos o Pai'?" (Jo 14,7-9). Jesus revela a Deus não por ser o Filho de Deus, mas porque encarna e manifesta totalmente o humano. Na sua pessoa a velha antinomia entre o Homem e Deus, criada pelo pecado, chega ao fim: Jesus é tão completa e radicalmente humano que Deus, a fonte e a base do ser, emerge totalmente e se manifesta inteiramente.

2.4. O amor, identidade de Deus e do Homem

Resta, porém, uma questão: qual a identidade de Deus, da qual Jesus se torna revelador e arquétipo para a identidade do homem? A resposta se encontra em 1Jo 4,8.16: "Deus é amor". Isso significa que Deus é relação, pois amor é dinamismo de relação. Em outras palavras, o Deus verdadeiro não é um absoluto que, não precisando de mais nada, se fecha egocentricamente em si mesmo. Pelo conrtário, é um absoluto paradoxal: não só é relação em si mesmo (Deus é Trindade), mas abre-se para relativizar-se completamente, entrando em relação com toda a criação.

O amor é relação em que o amante dá a si mesmo para gerar a vida (criação) e provocar a libertação (êxodo). Em outras palavras, o amor é dinamismo que cria o ser e com ele se alia para que o ser concretize sua própria realização. É esse o amor que se revela passo a passo em todas as intervenções de Deus, que chegam ao máximo em Jesus: "Deus amou o mundo a tal ponto que entregou o seu Filho único, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16). Amando, Deus dá tudo o que tem (seu único Filho); para provocar a libertação (impedir que o homem pereça na alienação do pecado, que é rejeição do projeto de Deus) e comunicar a sua própria vida (a vida eterna contida como projeto no si-mesmo entregue ao homem); a única condição é que o homem aceite a Jesus (creia) como identidade de Deus e do Homem, deixando todos os ídolos que desfiguram o homem à sua imagem e semelhança (cf. SI 115,4-8; 135,15-18).

O que Jesus testemunha em sua pessoa, vida e ação é a obediência a esse amor com que o Pai o amou (Jo 15,9). Ele vive o amor total, abrindo-se à realidade e procurando responder a todas as situações que encontra. Amor dinâmico, movimento ininterrupto que parte sempre do sujeito que ama. Amor criativo, cuja intensidade e concretização não é escolhido pelo sujeito que ama, mas pela situação em que se encontra o próximo que é amado (Lc 10,29-37; Mt 25,31-46). Amor universal e sem fronteiras: cria relação com o seme-Ihante (amigo) e com o disseme-Ihante (inimigo; cf. Mt 5,43-48; Lc 6,32-36). Amor pluralista, assumindo formas diversas nos contrastes sociais: amor que denuncia e combate o opressor e o explorador, a

fim de libertá-los da alienação do poder e da riqueza; amor que se so-lidariza com o oprimido e o explora-do, lutando com eles para destruir a alienação da escravidão e pobreza, a fim de conquistar a liberdade e a vida. Amor sem limites: o único limite é a consumação do sujeito que ama, entregando sua própria vida (Jo 13,1; 15,13).

Jesus revela que não há antinomia entre Deus e o Homem. A identidade de Deus é o amor. O homem, "imagem e semelhança" de Deus, também é convidado a entrar nessa "lógica" do amor de Deus, a fim de realizar sua identidade através do amor: "se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros" (1Jo 4,11). Mais ainda, o homem é convidado a amar como Jesus amou (Jo 13,34s), a ponto de também dar a vida (1Jo 3,16).

CONCLUSÃO: A TAREFA DE SER HOMEM

O convite de Deus é uma proposta de bom-senso dirigida ao discernimento e à liberdade humana: o homem é chamado a ser espelho que reflete a Deus! Isso, porém, implica conversão: deixar a alienação do pecado, o querer ser um falso deus absoluto, fechado egoisticamente em si mesmo, para concretizar o projeto do si-mesmo, depositado por Deus no fundo do seu ser e no início de sua história: ser apenas humano, pois o verdadeiramente humano é imagem e semelhança do Deus verdadeiro, que é absolutamente relativo e se realiza no amor.

Ser homem é, portanto, uma tarefa, a tarefa do amor. Os termos dessa tarefa são três, e estão todos expressos no duplo mandamento dos Sinóticos (Mc 12,28ss; Mt 22,34ss; Lc 10,25ss):

- amar-relacionar-se totalmente (com todo coração, alma, entendimento e força) com **Deus**, fonte e base do ser;
- amar-relacionar-se totalmente (com todo coração, alma, entendimento e forças) com o si-mesmo, o projeto humano que está no fundo do

próprio ser e que não é mais do que o espelho da imagem e semelhança do próprio Deus;

— amar-relacionar-se totalmente (com todo coração, alma, entendimento e forças) com o próximo, da mesma forma com que o homem ama e se relaciona com o si-mesmo, espelho do próprio Deus.

E o círculo vai se fechando: Deus também é a fonte e a base do ser do próximo, de todos os próximos, e em cada um deles colocou também o projeto do si-mesmo, que reflete a imagem e semelhança de Deus...

Mistério dos mistérios: a humanidade é chamada a se reunir toda para participar da natureza divina (2Pd 1,4; 1Cor 15,28), formando o quarto pólo, o grande espelho em que Deus contempla a si próprio! Deus nos convida a transformar a sua Trindade em Quaternidade...

ATUALIDADE E SENTIDO DA ESPIRITUALIDADE BENEDITINA

Irmã Eugênia Teixeira, OSB

Petrópolis - RJ

A) INTRODUÇÃO

A Comunidade Monástica, na celebração do "Opus Dei", é a "Igreja Orante" em ato, limitada no tempo e no espaço. Exerce, então, realmente, o sacerdócio de Cristo mediador da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus (SC 5; IGLH 13).

Os Abades Beneditinos do mundo inteiro, reunidos em Roma, em setembro de 1984, em Congresso, refletiram sobre a pergunta feita pelo Senhor: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mc 8,29). Os problemas sobre os quais falaram, foram ocasião de sério exame de consciência. E se propuseram as seguintes perguntas:

- Que diz Jesus Cristo a nós, monges e monjas, hoje?
 - Que nos pede São Bento hoje ?
- Que esperam de nós os homens de hoje, quer estejam na Igreja, quer vivam fora dela?

"Numa época caracterizada por oposições marcantes no domínio social e político, caracterizada também pelo uso da violência, sob formas múltiplas, devemos promover a paz, em diferentes níveis, por atos concretos, na oração, por uma tomada de consciência das necessidades

dos homens, e isto segundo a vocação de cada mosteiro e as possibilidades de cada monge. Somos mais ainda obrigados a isso, por ter a palavra "PAZ" — "PAX" se tornado, no decorrer dos séculos, a divisa da nossa Ordem. Referimo-nos também ao testamento deixado por Jesus a seus discípulos, esta paz que nos é prometida como dom de seu Espírito."

E a Mensagem enviada pelo Congresso às Comunidades Beneditinas prossegue falando pormenorizadamente sobre: A paz conosco mesmos; A paz em nossa comunidade; A paz entre os homens, e a nossa contribuição para o estabelecimento desta Paz; A paz no mundo material; A paz com Deus.

"Só será possível a paz, se estivermos prontos a nos reconciliar com Deus, a nos deixar resgatar, a deixar que Ele se aposse de nós. Por essa razão, um símbolo privilegiado de nossa solidariedade com os mais pequeninos é constituído pelo "Opus Dei" que, nos salmos, faz ouvir a voz dolorosa dos pobres e dos oprimidos, a qual não cessa de dirigir-se a Deus, garantia do direito e defensor dos pequenos." Seremos anúncio do Reino, na medida em que formos denúncia do anti-Reino. E só poderemos ser testemunha do per-

dão e da graça, na medida em que formos penitentes e gratúitos.

B) A ORAÇÃO DE SÃO BENTO

1. Oração pura

1. 1 — A Regra Beneditina não define a oração. Supõe que os monges saibam perfeitamente o que é. Emprega esta palavra mais de vinte vezes. No capítulo 20: "Da reverência na oração", não dá métodos nem técnicas. O que interesse são exclusivamente as qualidades intrínsecas da oração: "com humildade e reverência (v. 1) — toda a humildade e pureza de devoção (v. 2) — com a pureza do coração e a compunção das lágrimas (v. 3) — a oração deve ser breve e pura (v. 4)".

Esta série de binômios pode parecer algo monótona, insistente, reiterativa. Mas, não há dúvida, é clara, persuasiva e evangélica. Apesar da falta total de referências explícitas à Escritura, estas Instruções de S. Bento refletem a doutrina de Jesus quando fala da oração do fariseu e do publicano; quando diz que, para orar, basta entrar no quarto e falar ao Pai; quando ensina aos seus discípulos o Pai-nosso. A oração é coisa tão simples! O próprio título do capítulo 20 é muito expressivo: "Da reverência na oração". "Reverência" é a atitude que se tem na Presença de Deus: de admiração e de temor, no no sentido bíblico do vocábulo, incluindo humildade e amor. Nas instruções que transcrevemos acima, passa toda a seiva tradicional do monaquismo pré-beneditino. São termos característicos, sobretudo da escola de Evágrio Pôntico e de seu insigne discípulo, Cassiano. Assim, as palavras "pureza" e "pura" aparecem em três versículos consecutivos. Ora, "pureza", "pureza de coração" e "oração pura" são expressões técnicas da mencionada escola de espiritualidade. "Pureza de coração", em Cassiano indica o cume do itinerário espiritual, isto é, a total libertação das paixões, a "caridade", o gozo antecipado das primícias da glória e da vida divina (Colações 10.7). A pureza de coração corresponde a oração pura, quase como o efeito à causa. Oração pura identifica-se com a contemplação perfeita. É a expressão técnica para designar a oração e contemplação supremas, "o mais alto estado de oração, formado pela contemplação de Deus e por uma caridade ardente como fogo".

São Bento sugere o ideal da oração, no que tem de mais elevado. Mas, só sugere. É um homem prático, como Jesus Cristo. Em poucas e esquemáticas instruções não poderia propor a simples principiantes, e como exigência imediata, um ideal tão elaborado e difícil de ser obtido. A Regra fala da oração de todos os dias. Suas palavras devem ser lidas à luz de toda a Tradição Monástica, e tomadas em seu sentido óbvio, não como termos técnicos de uma determinada escola de espiritualidade. Suas orientações se dirigem ao imediato. Aqui e agora, a oração deve ser reverente, humilde, cheia de abandono, breve e pura; breve, para ser pura, isto é, intensa sem distrações, brotando de um coração puro e contrito.

1.2 — Encontramos textos que parecem ter sentido diferente. Havia,

na antiguidade, duas correntes: uma, seguindo a linha de Evágrio; outra, mais escriturística: 1Tm 2,8; 2Tm 2,22 = que invoquem a Deus com um coração puro; Mt 5,24 = deixar a oferenda e fazer a reconciliação. Oração pura, conforme a Bíblia, é a oração sem raiva no coração, depois de uma reconciliação com o irmão. Impureza é não perdoar, desprezar, não amar.

1.3 — Oração pura para os Padres do Deserto — Perguntaram a um Padre:: "Que é a Oração pura ?" O ancião respondeu: — "A Oração de poucas palavras e muitas ações. Porque se as ações não ultrapassam de muito as tuas palavras, as palavras são vazias de semente."

2. Oração incessante

2.1 — Antes de S. Bento a expressão "Opus Dei" designava toda a vida do monge. Ele quer que toda a nossa vida seja uma oração: no Ofício Divino, na "Lectio — meditatio — ruminatio", na "Lectio — oratio" e na "Lectio — vida".

Os messalianos achavam que o trabalho manual não podia unir-se à Oração incessante. Oração, para eles, era sempre murmurar palavras. Encontravam grandes dificuldades, pois precisariam de ao menos um pouco de tempo para comer e dormir. Já nos Padres do deserto vemos uma reação contra esta seita: — Um jovem irmão foi ter com o Abade Silvano. Vendo os irmãos trabalharem disse: "Não trabalheis pelo alimento que perece. Maria escolheu a melhor parte." O ancião disse aos discípulos: "Dêem um livro a este irmão e levai-o para uma cela vazia."

A hora nona, hora da refeição, o irmão hóspede olha a porta, esperando que alguém venha buscá-lo. Mas ninguém vem. Depois de algum tempo foi ter com o abade: "- Os irmãos ainda não comeram ?" --- "Sim, comeram." — "Por que não convidaram?" — "Porque parece que és uma pessoa espiritual e não precisas de alimento. Mas nós somos carne e precisamos de comer. Por isso temos também de trabalhar. Tu tens a melhor parte. Lês o dia todo e não tens o desejo de alimento material." Com isto, o irmão converteu-se...

2.2 — O princípio da representação — Outro Padre dizia: — Nas horas em que durmo e como, peço a outro que reze. Ou fazia assim: eu trabalho e dou esmola, e peço ao pobre que reze por mim.

Em grandes Mosteiros merovíngios, a adoração perpétua do SSmo. Sacramento inspira esta substituição mútua, levando em conta o aspecto social do homem. Mas os monges sabem que esta palavra: "Rezai sem cessar" é dirigida a cada pessoa individualmente. Então, a cada momento do dia, na obediência que a Providência lhe reserva, a monja se esforça por adorar sem cessar. Na simples fidelidade ao dever do momento presente, esta adoração perpétua é uma disposição permanente que transcende a multiplicação dos atos e tende a fazer da monja um puro olhar para Deus, um ato simples e incessante de adoração e de amor.

2.3 — Auxílios — A Liturgia das Horas, sete vezes ao dia, santificando o tempo, o ano, a semana, o dia, tem, em sua origem, este programa de "oração contínua" proposto pelo Novo Testamento. É preciso cavar até esta raiz profunda se se quer reencontrar o que dá vida à Oração Monástica, tanto individual, quanto comunitária.

A "Ordenação Geral da Liturgia das Horas" (IGLH = Institutio Generalis Liturgiae Horarum) é uma excelente e indispensável introdução.

Na Ordem Beneditina temos ainda um "Diretório do Opus Dei", isto é, da Liturgia das Horas segundo o Rito Monástico. Foi feito para responder a um desejo expresso a 26 de fevereiro de 1974, pela Sagrada Congregação do Culto Divino, à Comissão Litúrgica da Ordem. Seu fim não é retomar nem mesmo resumir o que a IGLH expôs maravilhosamente, tanto sob o ponto de vista litúrgico e espiritual, como no plano da celebração. Como o "Opus Dei" teve sempre preponderante importância na Tradição Monástica, acharam conveniente reexaminá-lo à luz dos princípios de renovação e reforma expostos na IGLH, para que torne a ser, em nossas Comunidades, este centro luminoso que a Igreja descobre, cada dia mais, na sua própria Liturgia.

Tratava-se de aplicar ao Tesouro sempre conservado nos Mosteiros Beneditinos os princípios da IGLH. Ao mesmo tempo, porém, era necessário levar em conta as diversas experiências de Oração que, na renovação geral oriunda do Concílio, se realizaram hoje em grande número de nossas Casas. Desse modo, o tra-

dicional dado monástico, em matéria de Oração, entraria na atualidade espiritual que se vive no mundo e na cultura de hoje, no quadro dessas aberturas legitimamente pluralistas, nas quais a Igreja pós-conciliar reconhece elementos válidos e construtores do Reino de Deus.

A tradição beneditina vê, na celebração do "Opus Dei", um lugar absolutamente privilegiado, em sua própria espiritualidade e em sua organização. Permanecendo, embora, fiel ao preceito da RB 43: "Nihil Operi Dei Praeponatur", ela interpreta uma constante Tradição da Igreja que vê na Oração Litúrgica "uma de suas funções principais" (IGLH 1), e nela descobre a vocação própria do cristão (SC 12).

Reconhecendo o "Opus Dei" como sua mais específica oração, a Comunidade Monástica se qualifica imediatamente como "Igreja local", no plano do Mosteiro. O momento comunitário do "Opus Dei" assume, pois, um valor direta e plenamente eclesial, pelo fato de a Comunidade Monástica, em sua celebração, não agir primeiramente por deputação, isto é, em nome da Igreja. Ela própria é a "Igreja orante" em ato, mesmo se limitada no tempo e no espaço: exerce, então, realmente, o sacerdócio do Cristo mediador da Redenção humana e da perfeita glorificação de Deus (SC 5; IGLH 13).

Além da dimensão vertical, uma celebração só será autêntica na medida em que o "Opus Dei" for também sinal — como é a Eucaristia — da COMUNHÃO eclesial. Esse fato é posto em evidência, no caso da

"excomunhão" monástica que interdiz o exercício de todo papel ativo e oficial do "Opus Dei" (RB 24), ou impede de nele tomar parte (RB 44).

Enquanto celebração do Mistério do Cristo, o "Opus Dei" é um momento no qual a História da Salvação em sua totalidade, isto é, com suas projeções temporais do passado (anúncio), do presente (o Hoje do Cristo) e do futuro (o Hoje in fieri da Igreja), está inserida no tempo cósmico, segundo os três ciclos: do ano, da semana e do dia. Assim, ciclicamente, propõe-se de novo o único acontecimento pascal, a passagem pela qual Deus realizou no Cristo a libertação dos homens.

A Oração do "Opus Dei" pode, com razão, ser considerada como carisma particular, graças ao qual o Espírito Santo dá à Comunidade Monástica seu "ministério para a edificação do Corpo do Cristo" (Ef 4,12), ao qual podemos chamar de "Ministério da Oração".

O "Opus Dei" não é apenas uma atividade privilegiada da Comunidade Monástica. É também elemento caracterizante de sua espiritualidade que é: 1.º) uma espiritualidade objetiva, que tem por método a atualização cíclica da História da Salvação; 2.º) uma espiritualidade de diálogo e de contemplação, na medida mesma em que encontra sua principal "expressão" na oração; 3.º) uma espiritualidade de comunhão, cujo "objetivo" é a revelação do ágape de Deus ao mundo.

Há quem condene os beneditinos de "liturgismo" que converte alguns Mosteiros em lugares agradáveis on-

de se pode buscar refúgio contra o mundo que acusa, que inquieta e angustia, refúgio camuflado em nuvens de incenso... É claro que essas pessoas desconhecem o caráter querigmático, de denúncia, da Palavra de Deus e não ousam expor-se, elas próprias, a esta exigência de conversão pessoal que a familiaridade com ela traz.

2.4 — "Lectio-meditatio-ruminatio" Todos os Mosteiros têm, em seus Horários, um tempo destinado à "Lectio". Para S. Bento, meditar ou ler parecem expressões equivalentes (BR 48,23). Inovando os costumes da época, S. Bento ordena que não haja trabalho manual durante a "Lectio" que ele considera uma ocupação muito importante. No cap. 48 da Santa Regra, "Do trabalho manual cotidiano", nos versículos 4, 10, 12, 17, 22 e 23, aparecem formas do verbo "vacare" (de onde "vacance", no francês) = "ter férias para". Os versículos 17 e 24 apresentam as expressões "otio" e "otiosi". "Otium" é o contrário de "negotium". - No caso, S. Bento fala de ter tempo livre (ter férias) para a "Lectio". Depois do "Opus Dei", é, então, a "diversão" principal dos monges... Só mais tarde é que aparece a palavra "ruminatio". Não está na RB.

A "Lectio Divina" se faz com a Bíblia e os comentários à mesma, feitos pelos Santos Padres da Igreja. O mesmo Espírito de Deus que inspirou os autores dos Livros Santos continua operando, de certo modo, naqueles que os lêem, procurando experimentar em si as realidades salvíficas a nós transmitidas por

eles, deixando-se ensinar por Deus. Trata-se de ler, pronunciando as palavras, pelo menos interiormente, ruminando-as, até memorizá-las, fazendo-as penetrar no íntimo do ser ("assimilatio"), e pondo-as em prática ("operatio"). Quando a "devoção moderna" fez sua aparição, outras formas de oração substituíram a "Lectio". A Leitura espiritual não mais buscou na Bíblia sua fonte principal de inspiração, e a oração mental criou muitos métodos.

Em nossos dias, a "Lectio Divina" voltou a ser revalorizada, alcançando atualidade e apreço que transcendem amplamente os ambientes monásticos. A revitalização da "Lectio Divina", tão em consonância com a simplicidade do homem moderno, coincidiu com o progresso do movimento bíblico, patrístico, litúrgico e ecumênico. A Constituição dogmática "Dei Verbum" do Concílio Vaticano II, sobre a Revelação Divina, está cheia de expressões e de idéias marcadas pela tradição teológica e espiritual das épocas da "Lectio Divina". E podemos dizer que todo o conteúdo desta Constituição é uma premente recomendação à prática da "Lectio", como meio vivo e eficaz de entrar em comunhão com a Palavra de Deus.

A atualidade da "Lectio Divina" se deve também, em boa parte, ao lugar de destaque que lhe é atribuído nas Regras religiosas mais recentes. É claro que sua prática requer, nas circunstâncias atuais, uma iniciação, de acordo com os progressos da ciência bíblica. "Buscai, lendo; encontrai, meditando; batei, orando; ser-vos-á aberto, contem-

plando." (Escala Paradisi — PL 40,998). — "Quando oras, falas com o esposo; quando lês, o Esposo te fala" (Jerônimo).

2.5 — "Lectio-oratio" --- A chamada secção litúrgica da RB se encerra com dois capítulos cujo conteúdo difere muito dos anteriores. Estes apresentam um aspecto técnico; aqueles pertencem a uma ordem mais espiritual. Já não se trata de organizar os diferentes ofícios, mas de precisar as disposições dos monges que oram. A importância destes dois textos é de grande alcance e muito estreita sua relação recíproca. O cap. 19: "Da maneira de salmodiar", tem por complemento natural o cap. 20: "Da reverência na Oração." Todas as diretrizes da Regra sobre a Oração -- comunitária e pessoal - se acham praticamente condensadas nestes dois brevissimos tratados, que devem ser unidos e confrontados, pois nos dão o essencial do espírito da "obra de Deus" que é a verdadeira vida espiritual do monge.

Salmodia e Oração silenciosa são dois aspectos de uma mesma realidade, dois momentos de um mesmo movimento da pessoa para Deus. A distinção rigorosa entre oração comunitária e oração privada, entre oração mental e vocal é coisa relativamente moderna. O problema das relações entre liturgia e contemplação, que preocupou recentemente a alguns, nem sequer passou pela mente dos cristãos antigos. Para os monges antigos, como para todos os cristãos, havia apenas uma oração: um colóquio com Deus, fundado e mantido na Escritura. Os monges da

Idade Média herdaram seu conceito de oração da época patrística; esta, da apostólica; e a época apostólica, da Sinagoga. A RB não poderia ter outro modo de pensar sobre a Oração. A Oração secreta e íntima fazia parte do Ofício Divino, intercalandose, segundo o uso monástico, espaços de oração silenciosa, após cada Salmo. Para a Regra Beneditina, merece o nome de Oração tanto o Ofício Divino como a oração particular, dentro ou fora do mesmo, pois ambos são aspectos da mesma realidade. Como já dissemos, para o monaguismo primitivo, toda a vida do monge, sem excluir nada, era "Opus Dei", "Obra de Deus". Se a RB dedica uma sétima parte do seu conteúdo à organização do Ofício, é porque se trata de uma Oração comunitária e, portanto, deve submeter-se a regras exteriores determinadas. Consagrando apenas dois breves capítulos à oração íntima, invisível, manifesta seu respeito ao caráter pessoal e livre que ela possui, por estar sob o impulso do Espírito. Não pretende dar-lhe nenhum regulamento, mas apenas poucas diretrizes, tomadas da Escritura, sobre a atitude interior do monge que quer falar com Deus. "O monge autêntico deve conservar continuamente em seu coração a oração e a salmodia" (Sto. Epifânio: Verba Seniorum, 12,6). "Este deve ser nosso principal objetivo. esta a orientação perpétua de nossa vida e de nosso coração: nossa mente estar sempre unida a Deus e às coisas divinas." (Colações, 8).

2.6 — Jaculatórias — Phiomenes (morto em 523) disse: "É bom ocupares o teu espírito com um único verso do Saltério, durante sete dias e

sete noites, pois nossos santos Padres disseram: é melhor um só verso perto do que mil distantes."

Macário Egípcio, 19: "Não é preciso falar muito, mas estender as mãos e dizer: Senhor, como queres e como sabes, compadece-te. — Se estiveres tentado: — Senhor, vem em meu auxílio I Ele memo sabe o que convém, e usa de misericórdia para conosco."

Gregório do Sinai escreveu: "Repete muitas vezes o mesmo versículo e sê cuidadoso em não mudar
por impaciência, pois as árvores retiradas muitas vezes da terra e plantadas em outro lugar não podem
crescer."

Na RB poderíamos encontrar orações semelhantes às orações jaculatórias: Prólogo, 30: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Vosso Nome dai Glória." Cap. 13,13: "Perdoai-nos, assim como nós, perdoamos." Cap. 2,36: "Nada falta aos que O temem." Cap. 7,65: "Senhor, não sou digno, eu, pecador, de levantar os olhos aos céus." E: "Estou completamente curvado e humilhado." Cap. 7,46: "Revela ao Senhor o teu caminho e espera nEle." E: "Confessai ao Senhor, porque Ele é bom." Verificar ainda: Cap. 19,5; Cap. 66,3; Cap. 53,14; Cap. 58,21; Cap. 57,9.

3. "Lectio Vida"

3.1 — A repetição diária do "Opus Dei" não seria verdadeiro "Sinal de Comunhão" se esta comunhão existisse somente no momento da celebração, sendo que ele deve chegar a criar, no mosteiro, um comportamento de Comunhão. É um

componente essencial da espiritualidade beneditina. Esta encontra-se em referência ao cenobitismo, que é precisamente "Comunhão de vida". Importa, portanto, ter sempre consciência de que o "Opus Dei", enquanto celebração do Mistério do Cristo, quer colocar-nos cada dia, de novo, na presença da "manifestação do ágape-caridade do Pai que, para nós, enviou Seu Filho ao mundo" (1Jo 4,9) para que sejamos "enraizados e fundados nesse mesmo ágape-caridade" (Ef 3,17), a ponto de também estarmos, nós mesmos, prontos a "nos entregar por nossos irmãos, como Cristo se entregou por nós" (1Jo 3,16). No "Opus Dei", então, verdadeiramente, veremos a Deus, isto é, teremos a revelação de seu "ágape", mas somente se nosso amor, pelo qual Deus mora em nós, nos puser em "verdadeira comunhão com nossos irmãos" (Cf. 1Jo 4,12).

3.2 — Integração dos Salmos na vida — O alvo da "Lectio" é que a Bíblia seja vivida. Há um Apoftegma de Macário sobre a incoerência de sua vida com os salmos.

Perguntaram-lhe: — "Como vai, Pai?"

Respondeu: — "Mal". — "Por que, Pai ?"

— "Já há trinta anos que, estando todos os dias diante de Deus, na Oração, eu me maldigo a mim mesmo, quando digo a Deus: "Não tenhas piedade dos que praticam a injustiça" (S! 58,6). E mais: "Malditos todos os que se deviam dos teus mandamentos" (SI 118,21), enquanto eu mesmo sempre me desvio e pratico a injustiça. Minto cada dia e

digo a Deus: "Arruinarás todos os que mentem" (SI 5,7). Guardo rancor contra o meu irmão, e digo a Deus: "Perdoa-me, como também eu perdôo." Minha constante ocupação é comer o meu pão, e entretanto digo: "Esqueci-me de comer o meu pão" (Sl 101,5). Eu que durmo até à manhã, salmodio: "à meia-noite eu me levanto para cantar o teu louvor" (SI 118,62). - Não tendo nenhum arrependimento, digo: "Cansei-me, gemendo". "Todas as noites banho de pranto minha cama, com lágrimas inundo o meu leito." (Sl 6,7) E: "em vez de pão, as lágrimas são o meu alimento, dia e noite" (SI 41,4). Enquanto rumino maus pensamentos no meu coração, digo a Deus: "Os pensamentos do meu coração estão sempre diante de Ti" (SI 18,15). Eu, que não jejuo, absolutamente, rezo: "Meus joelhos tremem de tanto jejuar" (SI 108,24). Cheio de orgulho, torno-me ridículo ao cantar: "Vê minha humildade e minha pena, e perdoa os meus pecados" (SI 25,18). Não estou pronto, de forma alguma, e tenho a coragem de dizer: "Pronto está o meu coração" (SI 56,8). Em uma palavra, toda a minha liturgia e oração são recriminação e confusão para mim."

Os salmos ajudam a viver diante do Senhor, um Senhor que tem severidade e austeridade, mas também misericórdia e bondade, com o qual o monge tem um relacionamento transparente, como a criança no regaço materno (Sl 130). As atitudes principais vão sendo formadas na vida do monge, através dos salmos: temor, amor, glorificação, obediência, sabedoria, confiança, etc. E um versículo do salmo brota, esponta-

neamente, nas horas difíceis ou nas horas de alegria, — porque está no coração. Cria-se uma solidariedade com todos os que vivem ou já viveram a mesma situação. — Há 68 citações dos salmos na RB (é o livro mais citado da Escritura). As citações bíblicas na RB não são ornamento, só para apoiar o pensamento, mas são a base do que é desenvolvido. Há muito respeito pela interpretação literal, mas, na maioria dos casos predomina o interesse pelo sentido moral.

3.3 — Doutrina da sabedoria, humildade, caridade perfeita.

A) Sabedoria é uma palavra muito importante para S. Bento. Ele a emprega no Prólogo e nos caps. 7, 19, 27, 28, 40 e 53. É um dom que ele acha necessário para o abade, para os decanos, para o porteiro, para o celeiro. -- Em vez de falar de "sabedoria da doutrina", fala de "doutrina da sabedoria" (para o abade e para os decanos). Emprega esta palavra no sentido mais amplo. Trata-se da sabedoria sobrenatural dos Livros Sapienciais, que se revela também em assuntos práticos e corriqueiros. Este "sabor", este "recta sapere" é a primeira "lente do coração" capaz de transformar toda a vida do monge em oração.

B) Humildade: o caminho para a Caridade Perfeita é a humildade. Os 12 graus da Humildade devem ser olhados como 12 graus de ORA-ÇÃO, de identificação cada vez mais profunda com o Cristo, em seu Mistério Pascal, revivido a cada instante pelo monge.

C) Caridade Perfeita: o monge que diz e vive a Oração pura, somente o faz porque já tem em si o Espírito fazendo nele sua morada. Diz o final do Prólogo: "Com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de Amor é percorrido o caminho dos sacramentos de Deus."

E o final do cap. 7, "Da Humildade", diz: "Tendo subido todos esses degraus da Humildade, o monge atingirá logo aquela Caridade de Deus que, quando perfeita, afasta o temor; por meio dela, tudo o que observava antes, não sem medo, começará a realizar sem nenhum labor, como que naturalmente, pelo costume; não mais por temor do inferno, mas por amor de Cristo, pelo próprio costume bom e pela deleitação das virtudes. Eis o que, no seu operário já purificado dos vícios e pecados, se dignará o Senhor manifestar, POR MEIO DO ESPÍRITO SANTO".

Os Padres da Igreja explicam o "coração dilatado" como sendo a presença do Espírito Santo. Podemos dizer que a oração incessante é deixar o Espírito Santo rezar em nós, em nossa fraqueza (Rom 8,26).

O Louvor é então fruto do Amor. Os dois: Louvor e Amor, caracterizam a vida monástica, enquanto antecipação escatológica. A vida de Louvor e de Amor já é a vida que teremos na Eternidade, pois o Amor e o Louvor permanecerão para sempre; eles é que comunicam ao nosso dia-a-dia a marca do definitivo e do estável. É o "Fim sem fim" (Sto. Agostinho: "Enarrationes in psalmis").

Tem-se às vezes a impressão de que os "maiores cumes" apontados pelo último capítulo da Regra são apenas para alguns. Mas S. Bento os propõe a todos. Já o fato de estarem no Mosteiro indica que todos "se apressam para a Pátria celeste", "para a perfeição da vida monástica", para o "cimo da perfeição", desejando chegar, em "caminho reto", ao Criador.

Orações encarnadas : nossos santos

Vida de oração e vida de santidade é a mesma coisa. Assim é que, seguindo esta Regra escrita para principiantes, e deixando-se, em seguida, guiar pelos caminhos imprevisíveis do Espírito, aos quais, infalivelmente a Regra vivida conduz, temos 57 mil santos beneditinos canonizados, sendo, somente do Mosteiro de Monte Cassiano, 5.555. É claro que a multidão inumerável daqueles que não são conhecidos é muito maior. É comovente ver, ao longo dos séculos, milhares e milhares de homens e mulheres, em todo o mundo, marcando a História que passa, com a Palavra que não passa e que a faz "permanecer eternamente".

Seria agora o momento de apresentar brevemente, ao menos alguns destes monges e monjas; algumas páginas escritas por eles, as quais revelam, um pouquinho, a beleza imensa de sua vida de intimidade com o Senhor, de sua Oração pura e incessante. Seria a hora de contar um ou outro aspecto da vida de nossas santas, tão grandes e tão desconhecidas! Hildegardes, com sua "luz interior", (a primeira médica alemã...), que nos deixou "Scivias" e tantas outras obras, e governou monjas e monges. Escreveu a papas, patriarcas, bispos, abades e príncipes, dando-lhes sábios conselhos e anunciando acontecimentos futuros. Tem uma teologia e uma ciência muito original da Igreja.

Elisabeth de Schönau: contemporânea e compatriota de Hildegardes, tomou parte ativa no trabalho de reforma que esta se esforçou em promover. Os mistérios da Salvação têm para ela uma forma viva e sensível, e ilustra em sua própria vida, a Liturgia.

Mectildes e Gertrudes, que viveram em grande intimidade com o Senhor, tendo, na Bíblia, a fonte de sua teologia. As obras de ambas não tiveram a celebridade da de Hildegardes. Nenhum historiador da Idade Média faz qualquer alusão a Sta. Gertrudes, por exemplo. Seu nome não consta nos martirológios ou nos calendários das Igrejas da Alemanha. Este silêncio contrasta com a celebridade que teve na Igreja Católica, no século XVII. Roma inseriu-a no martirológio em 1677 e rapidamente seu culto se espalhou à Igreja universal, servindo para propagar o culto ao Sagrado Coração. Este fato caracteriza a missão de Gertrudes e explica o prolongado silêncio sobre sua pessoa e o esquecimento de sua obra. Sua manifestação seria providencial, na época em que Nosso Senhor iria revelar a outra mística, Sta. Margarida Maria, a inefável ternura de Seu Coração para reagir contra as influências glaciais de certas seitas e do Jansenismo. De fato, na obra de Gertrudes, encontram-se os elementos de uma teologia do Sagrado Coração e de uma mística litúrgica.

Nas Crônicas Mortuárias que cada Mosteiro recebe de todos os outros Mosteiros do mundo que com ele se relacionam, descobrimos, muitas vezes, esta mesma Oração encarnada, com roupagens modernas, de nossos dias. A seiva aí está bem viva, graças a Deus. Lembrome, com grande admiração, do que a Abadia de Nossa Senhora de Wisques (França) escreveu sobre Madre Jacqueline de Villepin (1895-1978), uma grande Abadessa, que enfrentou com enorme paz e força os rigores da guerra. Quando os alemães invadem o seu Mosteiro, um oficial lhe chega ao peito o revólver e lhe pergunta: "Tem medo?" — "Não, não tenho medo., - responde-lhe muito simplesmente. Os soldados circulam pela casa, vociferam fazem entrar caminhões e metralhadoras. O Ofício Divino é mantido, às horas regulares, pelo pequeno grupo de corajosas que permaneceu guardando a casa. Madre Jacqueline desdramatiza as situações trágicas, com seu sorriso pacificante, dando a tudo o tom sobrenatural. Depois que a paz voltou, encheu-se o Noviciado, a casa se reorganizou. Talvez os anos de guerra não lhe tenham parecido mais difíceis do que os trabalhos inerentes à vida de uma Abadessa, em tempos normais... Deus foi a sua Força, porque ela foi uma Oração constante, não se deixando perturbar pelas intempéries de uma época agitada: "Este lugar é terrível, Casa de Deus e Porta do Céu!"

Teria muitos casos para contar, daquilo que "os olhos viram, que os ouvidos ouviram". Tanto em "Sta. Maria", S. Paulo, como em "Sta. Cruz", Juiz de Fora, ou agora, no Mosteiro da Virgem, em Petrópolis, tive e tenho a grande graça de conviver com Irmãs que realmente rezam, pelos lábios e, sobretudo, pela vida.

Desejaria que esse artigo fosse um incentivo para todos, a fim de que nos lancemos, com entusiasmo renovado nesse Caminho de LUZ!

(1) BÖCKMANN, Aquinata OSB: Palestras do Curso para Formadores, Mestres de Noviços e Superiores sobre a Regra de S. Bento. Mosteiro de S. Bento — Rio de Janeiro agosto de 1981. (2) SEDOC — Vol. 3 — Novembro — 1970 — 30 — Págs. 537/575: IGLH. (3) COMISSÃO "DE RE LITURGICA" OSB: Diretório do "OPUS DEI". (4) COLLECTANEA CISTERCIENSIA — Tomo 44 1982 — 4 — Págs. 257/273 e 326/329. (5) LECLERQ, Jean OSB: "Lectio Divina". — Trad. espanhola do Pe. Raul Arrieta, OSB — Revista "San Anselmo" — Ano 2 — Vol. II — n.º 5 — Set.-Nov. 1982. (6) COLOM-BÁS, Garcia M. OSB: La Regla de San Benito B.A.C. Tradução e Notas por Iñaki Aranguren. (7) BES-SE, Dom OSB: Les Mystiques Bénédictins, des Origines au XIIIe. Siècle. (8) PASCUAL, Augusto OSB: O Compromisso Cristão do Monge. (9) Revista Concilium — Edit. Vozes — 183 — 1983/3. (10) Mensagem do Congresso dos Abades de 1984 às Comunidades Beneditinas.

ESPIRITUALIDADE E PROFETISMO NO CONTEXTO ATUAL DA AMÉRICA LATINA

Frei Bernardino Leers, OFM Divinópolis, MG

A vivência cotidiana no Brasil há de convencer até o tradicionalista mais fechado do fato que muita coisa está mudada e continua mudando. Na convulsão que transforma o mundo, não há área ou dimensão da existência humana que escapa. O homem mergulhou e é puxado por uma correnteza histórica que atinge sua pele e coração, sua superfície e intimidade. O ritmo das mudanças é tão rápido que muitos se sentem inseguros ou perdidos no meio de tanta novidade, contraste, conflito e contradição, e procuram a saúde da infância em vão, porque estão envolvidos em um "agora" diferente.

1. A mutabilidade da linguagem

Onde as pessoas humanas e a sociedade humana mudam, muda também a linguagem. Quase imperceptivelmente o sentido de muitas palavras conhecidas é refundido, criando mal entendidos nas conversas e discursos. Na gíria da moda que circula entre os jovens, esse fenômeno talvez não desperte muito a

atenção de religiosos e religiosas fora do campo do ensino e movimentos juvenis. Mas se o mecanismo da mudança semântica atinge diretamente os termos tradicionais da teologia, remodelando seu significado, a história se torna outra. Pois a transmissão da fé cristã e de sua doutrina, feita às gerações deste século, leva duas marcas embutidas no processo: tradição e sacralidade. Por si mesmos estes conceitos sugerem algo de intocável, imutável e impermeável às qualidades humanas comuns da transitoriedade e mutabilidade que refletem na evolução de sua linguagem.

Para conviver com outras pessoas e formar comunidade, a percepção do permanente, da constância, da identidade, é importante, como é importante a percepção das diferenças e mudanças. Essa dupla percepção é tarefa contínua para todos que, por serem humanos, pertencem ao fluxo da história que não costuma pedir licença para continuar seu curso ou mudar de rumo. Se faltar uma das sensibilidades, os malentendidos na

comunicação renascerão com a tenacidade da tiririca. Em seu encontro mútuo as pessoas não reparam
a consistência, as mudanças e trocas de significação dos termos que
passam de boca em boca e parecem
ter o sentido único e comum que o
interlocutor projetada sobre a sociedade. Independentemente das intenções e motivos particulares, os conteúdos podem mudar, enquanto os
nomes ficam.

2. O termo "espiritualidade"

Os religiosos e religiosas que passaram pelo noviciado e pelos anos de formação antes do Concílio Vaticano II, receberam uma determinada carga de conhecimentos e interpretações teológicas que fez mais ou menos suas cabeças e condicionou suas atitudes. Espiritualidade, vida espiritual, vida interior, espiritualismo eram moedas de troca comum. Com seus doze volumes publicados, o grande Dicionário francês da Espiritualidade ainda não chegou ao verbete "spiritualité", mas autores clássicos como Garrigou-Lagrange, de Guibert, Zimmermann, Tanquerey, Bouyer, Mahieu, Pourrat, fornecem uma imagem bastante clara do significado que esse termo possuía na época.

Na história da Igreja, tanto a palavra quanto o conteúdo da espiritualidade se baseiam na Bíblia, especialmente no Novo Testamento, e na ligação entre a fé em Jesus Cristo e a vinda, obras e dons do Espírito Santo. No discurso de despedida de Jesus, na última Ceia, São João apresenta este Espírito como advogado, consolador, espírito da verdade, testemunha, inspirador, guia, que permanece nos discípulos, mora neles e lhes dá a vida. Da parte dos seguidores do Senhor, São Paulo tematiza várias vezes os frutos e carismas do Espírito que se expressa na vida e ação das pessoas e da comunidade eclesial. E caracteriza os cristãos como homens espirituais, em contraste com os homens carnais e suas obras (Rom 8; 1Cor 12-13; Gal 5 etc.). A espiritualidade do homem não se opera pelo espírito da escravidão, do pecado, mas da liberdade, do amor, da santificação de quem, no estádio, da vida, esquecendo o que fica para trás, corre com todo o seu ser para frente (Fil 3,13). No corpo unido da Igreja há um só Espírito que aciona a todos segundo a função e os talentos de cada um. Ele constrói a comunidade com pedras vivas e faz crescê-la na caridade para o aperfeiçoamento de todos (Cfr. Ef 4; 1 Pdr 2,5). Pelo Espírito, os cristãos são homens espirituais e se movimentam por este mundo, no triângulo do seguimento de Jesus, da edificação da Igreja e da esperança da vinda plena do Reino que já começou pelo anúncio do mesmo Jesus.

3. Desfigurações da espiritualidade cristã

Se o termo espiritualidade tivesse ficado sempre dentro desse contexto fundamental da existência cristã, eclesial e escatológica, viandante neste mundo humano, pouco poderia ser acrescentado de novo. Mas a história conhece suas próprias sinuosidades e ziguezagues, como se fosse uma romaria por terras montanho-

sas. A evolução do catolicismo no Ocidente apresenta uma sequência de misturas variadas de luz e sombra que, pelas nuanças de suas interpretações, quebram a aparente monotonia da pertença comum à Igreja católica, apostólica, romana.

3.1. A elitização

Ao menos na literatura da espiritualidade, na literatura devota dos tempos modernos, verifica-se um estreitamento do largo horizonte do homem espiritual paulino. De longa data já veio a quase monopolização dos chamados conselhos evangélicos, feita pelos religiosos os quais como que apoderaram do uso exclusivo de certos textos dos Evangelhos. Doutro lado, o impulso que o Concílio Tridentino deu à formação sacerdotal levou aos poucos a uma posição clerical, a um status social do clero na comunidade eclesial, que o isolava pelo seu saber e poder religioso em relação à grande massa do povo ignorante, e deu à Igreja uma estrutura organizadora tipicamente vertical. Ao povo não restava mais do que a famosa ação tríplice: ajoelhar-se, dizer amém e tirar dinheiro do bolso na hora da coleta. O resto era latim. O corpo eclesial, encabeçado pelo Senhor Jesus, começa a apresentar uma linha divisória de duas classes. De um lado, na frente, está a elite, os religiosos e sacerdotes, especialistas privilegiados por causa do celibato e dos votos no estado mais perfeito dos conselhos evangélicos; doutro lado, mais para baixo, fica o povo que observa "apenas" os mandamentos e não recebe treinamento específico nos degraus da santidade.

Com suas técnicas de aperfeiçoamento, seu treinamento ascético, suas três etapas da vida interior, a via purgativa, a via iluminativa e a via unitiva, às vezes distinta da mística, a espiritualidade cristã se torna um artigo complexo, específico e obrigação especial para os religiosos e padres. Nem o Evangelho nem a vivência comunitária da fé católica se prestam a uma fácil e cômoda vulgarização. Doutro lado, na medida em que a doutrina da espiritualidade se complica, cria linguagem teológica própria, com definições, distinções, termos científicos elevados e exposições intrincadas. Tal doutrina passa a precisar de introduções e cursos especializados, só abertos e acessíveis a uma elite. Talvez não seja mais do que um manual que descreve em detalhes toda apare-Ihagem da moda para quem gostaria de escalar montanhas, mas não passa além do restaurante da estação onde o trenzinho o deixou. Mas até o saber, sem prática, é elitista. Nesta perspectiva entende-se porque o caminho foi extremamente difícil para os leigos, os cristãos comuns, os casais, criarem uma espiritualidade própria, sua forma de viverem a fé evangélica, que fosse mais do que um derivado adaptado, amarrado, aguado da espiritualidade dos especialistas da perfeição cristã da época.

3.2 O individualismo

Neste processo histórico relativamente recente destaca-se a marca do individualismo que a literatura espiritual geralmente leva. A preocupação dos autores é a de mostrar

em que consiste a perfeição da vida espiritual particular, e como o homem, o indivíduo pode procurá-la. A amplitude eclesial e a pertença ao Corpo do Cristo Senhor em construção ficam quase reduzidas ao relacionamento particular do indivíduo com o Deus da perfeição que ele procura alcançar. O sujeito de todos os exercícios espirituais de rezar, meditar, contemplar, imitar a Cristo tomando sua cruz, purificar a alma até o grau dos perfeitos, está concentrado narcisticamente na pessoa, no Eu, em sua individualidade abstrata, nos seus esforços, no seu zelo, e na sua submissão ao diretor espiritual. Uma vez que tudo parece rodar em redor do Eu -- centro e sua santificação, o acento na submissão humilde e obediência cega se torna mais compreensível, na medida em que o aperfeiçoamento planejado do indivíduo fortifica a tentação adamítica do orgulho e superioridade, expressão mais nefasta do homem carnal na terminologia de São Paulo.

Por isso, nos seminários e conventos, o padre espiritual era presença necessária, responsável pela formação individual dos candidatos à vida religiosa e sacerdotal, em conversas particulares. Conforme o antigo código, ele devia ser pessoa devota, virtuosa, prudente, de profunda vida de oração, observante fiel da Regra e disciplina do Instituto (Cfr. c. 588,2; 559,1; 1358; 1360). Evidentemente ninguém nega o valor real da orientação pessoal na caminhada da vida. O aparecimento do guru oriental no Ocidente já indica que ninguém aprende a andar pelas próprias pernas se não tem ajuda dos outros. Normalmente o crescimento do cristão supõe a força atrativa do exemplo e o estímulo do conselho amigo de pessoas que têm experiência mais profunda e autêntica da fé e da vida evangélica. Importa, porém, realçar o quadro individualista, concentrado no Eu, em que os tempos passados colocaram a direção espiritual, como era chamada.

O individualismo tem também sua forma grupal. A Idade Média conhecia várias formas, escolas de espiritualidade, beneditina, carmelitana, franciscana, dominicana. No início do tempo moderno entrou a força da espiritualidade ignaciana. Eram formas distintas da vivência do Evangelho, cada uma com seus acentos e preferências. As dificuldades vieram à tona quando as muitas congregações religiosas, de fundação mais recente, começaram a refletir sobre sua espiritualidade própria, seu carisma, seu distintivo particular, a fim de renovar sua vitalidade na esfera do Concílio Vaticano II. Nesta reflexão, às vezes, manifestava-se a pobreza desse carisma próprio, base insuficiente para salvar a identidade do Instituto. A individualização do grupo religioso parecia um esqueleto sem alma, uma organização jurídica sem vida. O grupo tinha de recuperar a riqueza abundante da base evangélica de todas as espiritualidades históricas para jutificar sua sobrevivência, quebrar seu isolamento e aproximar-se dos demais religiosos e religiosas, em maior intercâmbio e cooperação na missão cristã e eclesial comum.

3.3 O espiritualismo

Talvez a característica mais clara

de muita literatura espiritual da primeira parte deste século é sua alienação aérea, desencarnada, que lança o indivíduo para fora da órbita deste mundo humano, demasiadamente humano, ruim, rude e sujo. A pessoa humana parece ter a transparência de uma alma, um espírito sem carne e ossos, sem as necessidades comuns de comer, beber, dormir, conversar sobre miudezas com outros. Tem algo de anjo sem asas que não toca com os pés na terra, embora tenha sido feito de terra e à terra voltará. Tais expressões talvez sejam exageradas, caricaturais, mas a coloração carregada deste fenômeno destaca bem a lacuna que há nesse tipo de espiritualidade. A maneira de apropriarse do Evangelho e exprimí-lo na prática da vida manifesta uma unilateralidade que a mensagem cristã e, muito menos, a tradição judáica não justificam.

Assim a espiritualidade cristã se torna o espiritualismo que Puebla batizou com o nome de espiritualismo de fuga (P. 826). Também esse termo é polivalente e pode criar novos malentendidos. Aqui, o termo não se refere à atitude de entusiasmo religioso, de "revival" espiritual que exagera a inspiração espontânea da fé, o milagre, o "carisma", o êxtase, os fenômenos extra-ordinários, em detrimento do lado institucional e jurídico da comunidade eclesial. Também não está em oposição às várias formas de materialismo, seja no sentido marxista ateu de humanismo fechado, seja no sentido capitalista prático que concentra seus interesses no dinheiro, consumismo, bem-estar material e po-

der. Nem significa o protesto contra uma moral normativa heterônoma, imposta de fora, e a fundamentação da moral cristã sobre as pessoas, sua vocação, consciência, liberdade, coração ou razão humana. Nesse contexto, o sentido do termo está implícito num outro texto de Puebla, quando afirma que a instrumentalização ideológica pode provir dos próprios cristãos, na medida em que anunciam um Evangelho sem conexões econômicas, sociais culturais e políticas (588). Evangelização, libertação e promoção humana constituem um só ciclo de ação (P. 474-478 etc.).

A espinha dorsal do espiritualismo, como anti-espiritualidade cristã, é o dualismo que cultiva a oposição entre alma e corpo, espírito e carne, Igreja e mundo, céu e terra, vida eterna e vida passageira, em que cada segundo termo é o obstáculo, o impedimento, o inimigo do primeiro. Esse traço deformador não é invenção dos tempos modernos, mas continua a influenciar, quase sem querer e à margem da consciência coletiva, as idéias e atitudes de muitos cristãos de boa vontade. Mutilando a imagem paulina do homem espiritual, o processo da santificação aplica a tática de o homem libertar-se, o mais possível das coisas, desejos e prazeres materiais, corporais e sexuais. Ele procura chegar a uma existência espiritualizada em que tudo quanto há de passageiro, de necessidade terrestre, de ma-téria e sofrimento deixa a pessoa indiferente e impassível, porque já vive o eterno, o celeste, o imperecível.

Neste processo, o corpo, a carne, o mundo constituem um perigo constante e uma ameaça de que o cristão precisa afastar-se para se dedicar a Deus no céu, à vida espiritual, à oração e às práticas ascéticas, dominar seu corpo, combater os maus pensamentos e desejos carnais, isolar-se do mundo e de suas atividades pecaminosas ou ao menos perigosas. O cristão se torna uma pessoa que foge, se retira, fica fora por medo de contaminação, evita contato com o mundo de que participa, querendo ou não, e a quem devia ajudar a se tornar habitável e humano. O dualismo na interpretação da existência humana faz do cristão um ausente elitista na história política, econômica e social, porque não quer sujar as mãos nem assumir riscos. Seus sofrimentos neste vale de lágrimas, ele os assume passiva e pacientemente, sem perceber o elemento compensador do sado-masoquismo que se pode esconder nesta passividade, aparentemente edificante.

4. A contribuição das Igrejas da América Latina

O grande evento eclesial que começou a mudar, na Igreja universal,
as sombras da espiritualidade elitista, individualista e universal, foi o
Concílio Vaticano II. O precioso capital religioso e moral formado pelos documentos conciliares não deve ser consumido pela repetição das
fórmulas, mas foi investido para dar
frutos maiores. A seqüência de Medellín, Puebla e tantos outros documentos e atos eclesiásticos da América Latina, com seus resultados po-

sitivos, demonstra a vitalidade do capital que Deus continua a investir no povo de Deus do Continente, dando novos impulsos, inspirando novas iniciativas, precursoras de renovação mais intensa e mais extensiva das Igrejas locais.

Para o homem vale a antiga sabedoria: há tempo para trabalhar e tempo para descansar, tempo para produzir e tempo para gastar, tempo para o esforço e tempo para o lazer. O Espírito, porém, que Cristo prometeu a seus discípulos, é permanentemente ativo na Igreja, sem monopólio de ninguém nem acepção de pessoas. A comparação da Igreja com uma barca quer dizer que de vez em quando ela deve entrar no estaleiro de um Concílio universal ou particular para limpar o casco e pichá-lo de novo. De resto, continua navegando sem mudança ou novidade. Ela é árvore que cresce e vida que se movimenta. O "Eu faço novas todas as coisas" acompanha a história eclesiástica toda, porque a renovação não pára e a estagnação é sinal de morte.

O surgimento dos povos latinoamericanos no palco eclesiástico,
num papel novo e original, não mais
secundário ou periférico, depende
de uma série complexa de condições, iniciativas e inspirações, difícil de ser reconstruída. No horizente visual surgiram pessoas com
nomes que se projetaram, discursos, declarações, documentos, tomadas de posições, ações, reuniões
de bispos que alcançaram a imprensa e a televisão. Mas esse convite
ao culto das personalidades famosas, postas na galeria do foro ecle-

siástico, precisa ser equilibrado por duas outras imagens: a imagem de Deus que não está na tempestade ou na ventania, mas na brisa suave da tardinha que movimenta milhares e milhares de folhas; e a imagem da semente que morre na terra para dar uma árvore em que ramos flores, frutos e crescimento são visíveis, mas a força vitalizante da seiva fica escondida aos olhos.

Na atualidade há um grupo de teólogos, identificados com a teologia da libertação e expostos a críticas ferrenhas, às vezes de baixo nível polêmico. No entanto, salvo interpretação melhor, essas críticas não percebem, na defesa de suas posições, qual é a terra comum em que essas novidades estão plantadas e qual é a seiva comum que lhes garante a vida. Esses teólogos renovadores passaram por uma experiência existencial de cristãos, condicionada pela ruptura com uma maneira chamada tradicional de fazer teologia (de gabinete), e pela conversão ao povo simples e pobre com sua fé e teimosia de sobreviver. Quebrando as cadeias do elitismo, descobriram a pedra escondida, pouco lapidada talvez, do povo-povão no garimpo da vida e trocaram seu prato de letras pela comida da vida daqueles cujos clamores começaram a ouvir de perto. Um povo de desconhecidos entrou em cena.

Quais são os sinais de esperança que eles redescobriram na convivência com o povo e refletindo com ele? Embora a análise seja precária, talvez as seguintes qualidades indiquem a formação incipiente de uma espiritualidade cristã, marcada pela experiência latino-americana da fé vivida pelo povo, numa mistura de alegria e amargura, sofrimento e coragem, vontade de libertação e jeito.

4.1. Um povo lê a Bíblia

Já bem antes do Concílio o movimento bíblico começou a preparar alicerces para a revitalização da Igreja. Na primeira fase talvez não se tenha escapado de certo elitismo na modernização da exegese, mas a Ação Católica dos leigos assumiu cedo a Bíblia em sua reflexão e atividades. O que mais importa é a segunda fase em que traduções da Bíblia até em linguagem popular simplificada foram postas nas mãos do povo católico. Durante muito tempo, símbolo típico em baixo do braço do crente, o Livro dos livros se tornou uma leitura dos fiéis, grupos e comunidades em que o clero não tinha mais o monopólio da palavra e da interpretação. Surgiram perguntas sobre Adão e Eva, o sábado, os milagres, as profecias. Saíram discussões, leituras até curiosas, aplicações das mais inesperadas. Mas muitos cristãos descobriram o tesouro e começaram a alimentar sua vida e ação no mundo com a palavra de Deus.

Até 1964, o latim clerical na celebração eucarística e na administração dos demais sacramentos praticamente impediu a comunicação entre o clero e povo, limitada ao sermão, e a uma ou outra explicação eucarística. Acompanhando a intensificação comunicadora da liturgia por meio da língua vernácula, a leitura da Bíblia, do Evangelho, se es-

palhou cada vez mais entre o povo católico. No culto, na reza, no círculo bíblico, saíram comentários e caaos que não tinham nada dos altos vôos da exegese científica. Saíram a partir do próprio povo, das experiências de vida dos ouvintes da palavra, com seus problemas e aspirações. O povo comum anda com dois pés no chão duro que o sofrimento da vida cotidiana amassa. Sua linguagem, sua maneira de entender a Palavra de Deus não conhece sofisticação nem especulação abstrata que não toca em nada deste mundo humano real.

Durante séculos monopólio do clero, a Bíblia se torna de novo uma comunicação direta e eficaz entre Deus e seu povo. Sem a mediação do sermão, panegírico ou homilia teológica do padre, o próprio povo com os ouvidos da fé para ouvir, forma o auditório presente das palavras de Jesus. As condições humanas de pobreza e insegurança e os desejos de paz, amor, justiça e perdão que o povo tinha na época de Jesus de Nazaré, talvez não tenham mudado tanto quanto o homem em sua modernidade tecnificada se imagina. O fato é que a fome de ouvir a palavra libertadora de Deus continua forte. O povo mesmo interpreta essa abertura convivencia. Mas nes-Jesus deitou no chão de seu coração, e interliga essa palavra à vida de cada dia.

Na imagem tradicional de Jesus surge um novo traço. A religião popular conhecia o nascimento de Jesus em Belém, seus milagres, estórias de Jesus e Pedro, sobretudo a paixão e morte de Jesus. Agora Jesus

sus fala também, convida a seguí-lo, manda seus discípulos serem missionários. As palavras, a mensagem de Jesus começam a ser ouvidas, entendidas pelos cristãos para darem forma à própria vida, e orientação certa às suas andanças e ações. Este seguimento de Jesus não fica distante, mas é posto no contexto concreto dos ouvintes, no ambiente de sua família, seu povo, seu trabalho, sua luta para sobreviver e melhorar. A caminhada real que o povo cristão faz, situado em seu mundo, é ligada a uma nova tomada de energia e inspiração: fazer o que Jesus fez, sem criar complicações.

4.2. Uma comunidade solidária

Povo simples vive de porta aberta, embora nos subúrbios modernos a insegurança já não permita mais essa abertura convivencial Mas nestes ambientes, o estilo de viver não está ainda tão contaminado pelo individualismo burguês. Por isso, não custou muito formar comunidade em redor de capelas e rezas do povo. Aquilo que recebeu o nome oficial de comunidade eclesial de base começou a brotar por todo lado em função do tipo de convivência social que este povo conhecia com todas as suas sombras e luzes, e em função da renovação da Igreja conciliar. Ela acentuou a responsabilidade dos leigos pela vida e bem-estar de seu povo, e levou uma parte do clero a reduzir seu poder de mando e compartilhar com outros líderes os cuidados pelo crescimento da comunidade local da Igreja de Deus no mundo em que andava e anda.

Apesar do longo período de margi-

nalização, à qual a chamada religiosidade popular foi exposta pelas autoridades eclesiásticas, sob a acusação de ignorância, superstição, ou folclore, o povo simples continuou com suas práticas de fé, rezas, romarias, procissões com imagens, novenas, festas de padroeiro, todos fenômenos de participação social. Certamente ele conhece a oração pessoal de mãos postas, de joelhos, movimentando os lábios, acendendo vela ao pé do santo, pagando promessa. Na maioria, porém as expressões de fé em torno dos eventos da vida e da morte eram e são grupais. Há pessoas que tiram a reza, o canto, e conhecem muitas orações, benditos, ofícios inteiros de cor, mas todo o povo presente acompanha, repetindo o refrão, escutando, cantando.

A fé do povo pobre é tão comunicativa que até promessas são feitas para outros cumprí-las. Tão ligada está ao grupo familiar e local que o homem que foi trabalhar fora, em outra região ou na cidade, tem dificuldade de entrar na igreja de lá, porque é um mundo estranho para ele e "o padre não é o nosso". A religião, a vontade de Deus, a graça, a lei de Deus estão intimamente ligadas ao caráter social e comunitário do próprio mundo vivido em que o povo local nasceu, vive, se sente à vontade, conhece seu lugar e seu papel. O catolicismo popular sempre conhecia seus eremitas, mas também eles eram visitados para pedir oração e bênção especial. Pertenciam ao quadro religioso do povo de Deus na vizinhança. Apoio mútuo e troca de serviços são as características da religião popular. Sua sociabilidade transcende a qualquer idéia de autonomia da santificação individual.

A qualidade social da vivência religiosa tradicional do povo comum não permite o isolamento particularista do cristão, acostumado como todos estão à participação das expressões da fé cristã comum. O crescimento das pessoas na santidade em Cristo se realiza no contexto da comunidade eclesial local, pela edificação mútua. É condicionado pela "temperatura" de fervor ou frieza desta comunidade. A tradição vicentina e o mutirão para construir casa para pobre ou ajudar uma família necessitada demonstra que esta comunicação social na fé e na caridade também se estende sobre a convivência global do grupo, conforme sua interpretação do mundo. Falhas humanas e pecados há, mas é no universo vivencial do grupo que os indivíduos se formam e crescem como cristãos em sabedoria e graça diante de Deus e dos homens.

Na atualidade entra decisivamente um outro fator. Mais talvez nos bairros urbanos do que na zona rural, a progressiva conscientização política dos problemas reais que afligem o povo e de seus porquês humanos se enfiou na tradição comunitária, mesmo onde essa virou apenas saudade por causa das muitas migrações. A Ação Católica dos Jovens e o Movimento da Educação de Base prepararam o terreno para o povo ver melhor a dependência e exploração de que é vítima. No lugar da velha passividade fatalista com seu "está do jeito que Deus quer", um novo espírito de luta em

solidariedade brotou, alimentado pela fé e apoiado por uma parte do
clero. A construção de escolas e estradas em mutirão, a conquista de
direitos trabalhistas e serviços sociais, as grandes greves do A-B-C
paulista, de uns anos atrás, indicam
que a comunidade cristã não só
adora em espírito e verdade, mas
também vive sua fé como inspiradora de sua ação política e pressão social solidárias.

4.3. Rezar com as mãos e os pés

A reza do povo sempre foi mais corporal, encarnada. Vida interior, vida espiritual são termos que seu linguajar de cada dia não domina. O homem comum é capaz de "ruminar" uma palavra de Deus que ouviu, ficar pensando sobre algo que aconteceu ou se interrogar "por quê Deus fez isso comigo?" Mostra a mãozinha do filho recém-nascido com a observação: "Olhe só como Deus faz tudo com perfeição." No entanto, a expressividade religiosa popular gosta de pegar terço, carregar imagem na procissão, tocar os pés do santo para agradecer-lhe uma graça, fazer jejum, guardar a Estrela do Céu na carteira, o bentinho que a mãe deu, acender vela, fazer romaria a pé, de carro, levantar o mastro do padroeiro, cantar, tocar instrumento musical, dançar na Folia dos Reis, dar esmola ou trocar dinheiro com o Bom Jesus morto. Os santos missionários ensinaram aos cristãos: "Salva tua alma." Mas se o povo fala de alma não pensa em si mesmo nem em dualismo. Geralmente se refgere às almas de falecidos, almas penadas.

A fé do povo também não se desliga do seu próprio ambiente de vida. Ao contrário, está integrada em seu contexto existencial global, no mundo em que ele vive, se movimenta e faz coisas. No presépio de Natal coloca objetos de sua terra, de sua casa. Nas estórias de Jesus e Pedro entram fazenda, galinheiro, frango assado, fazer penitência, levando pedra, e tantas outras coisas que mostram uma facilidade de transpor o tempo, quando Jesus andou na terra. para o tempo em que o povo agora vive, e vice-versa. No mundo que o povo pobre constrói em redor de si não há compartimentos fechados, separados que não permitem passagem. Há ainda unidade, interligação aberta, com Deus no meio de tudo quanto há e de tudo o que os homens fazem, pensam, querem, trabalham e vivem. Não há espiritualidade cristã ao lado de algo que deve ser materialidade profana.

Da mesma maneira, a distinção enhorizontalismo e verticalismo não lhe diz nada, porque Deus não está em todos os lugares? Para o homem comum, Deus nunca está ausente. As várias categorias da vida, religião, família, lei, trabalho, amizade, viagem, conversa, pescaria estão todas juntas ainda em um único universo global. Este universo é religioso, porque tudo tem algo com Deus, santos, demônios, graça e pecado. Talvez o homem não pise na igreja e não acredite em padre, mas Deus "a gente respeita". Deus é como o ar, está em toda parte. Sem ar, a gente não vive. Sem Deus nada vale, nada anda, nada presta, nada adianta.

Quando certos teólogos começaram a estudar seriamente a religião, o catolicismo popular, espontaneamente penetrou na pesquisa a aparelhagem científica que eles tinham na mente, a secularização, o estruturalismo, a dialética, a Escola de Frankfurt. Depois, a tática de aproximação mudou. Em vez de estudar o povo à distância, colocaram-se ao lado do povo para ouvir as milhares de vozes que o compõem. Uma série de descobertas sobre a fé e a práxis de vida do povo foi a consequência, repercutindo no texto de Puebla (444-469; 910-915; 935-937).

O povo comum da América Latina não precisa fazer uma opção preferencial pelos pobres, porque é pobre como o grande público de Jesus. O universo em que vive e que ocupa pouco lugar é simples e unido, de modo que seu mutirão, sua campanha pelos direitos humanos não lhe politizam a fé no sentido pejorativo, nem a desvirtuam. Seu mundo não é abstrato ou genérico. Não é "o" mundo, temporal ou outro conceito. É concreto e palpável com os traços reais que o povo experimenta de fato, de alegria e sofrimento, trabalho e exploração, conflitos de terra e procura de emprego, saúde e doenças sem assistência e remédios. O homem comum vive com o coração que pede, quer ou não quer, mas este coração abrange seu mundo todo, tudo o que há e tudo o que acontece no espaço existencial em que se movimenta caminhando.

Diante dessa maneira unificada de viver a fé, com sua força e fraqueza na realidade total de seu mundo próprio, o próprio povo foi um convite

ao teólogo para colaborar com as ciências sociais. Assim pode ajudar melhor o povo a entender sua situação real, as causas e condições de sua maneira de ser cristão neste mundo, motivar-lhe o esforço de libertar-se das várias formas de escravidão, e lutar por uma sociedade mais humana. Como os ossos secos do profeta Ezequiel (c. 37), as categorias teológicas da fé, Igreja, graça, justiça, pecado, se vestiram do "cerne" da experiência ou práxis do povo cristão local, e do que sai em seu culto dominical, sua comunidade de base, seus casos de injustiça e luta pelos direitos humanos, sua situação de dependência e falta de participação. Esta concretude cotidiana da existência popular entrou na reza, na procissão. na oração dos fiéis, na Missa no local em que um companheiro, líder sindical, foi assassinado por capangas, na distribuição de mantimentos que voluntários organizaram durante a greve. A espiritualidade cristã do povo comum tem realmente mãos e pés, olhos e ouvidos e está plantada e arraigada no centro da realidade histórica desta terra e da convivência arraigada no centro da realidade social com sua gente pelejando, sofrendo e lutando.

4.4. A simplicidade

Em comparação com os grandes manuais da espiritualidade, anteriores ao Concílio, a espiritualidade em formação na América Latina se destaca pela simplicidade. A convivência com gente comum, famílias de trabalhadores, pequenos funcionários na zona rural ou nas periferias

pobres da cidade, não descobre a complexidade do processo do aperfeiçoamento cristão, do treinamento sistemático nas vias da santidade, dos vários métodos de oração e meditação que a elaboração teórica conhece. Ao contrário, o povo que pratica sua fé demonstra, muitas vezes, uma simplicidade cândida na maneira de relacionar-se com o mistério de Deus, de vivenciar a Igreja, de concretizar em gestos o amor, o perdão, o serviço que o faz próximo dos outros, de enfrentar corajosamente os duros golpes da vida e morte. Sem importação de textos de fora de seu meio, esse povo lembra ainda, em sua linguagem religiosa própria, os livros de sabedoria do Antigo Testamento. Ele é simples em suas virtudes e jeito de resolver problemas, como é simples em seus pecados e erros.

Em tal ambiente, o doutor em espiritualidade talvez não faça nada com seu instrumentário científico, suas distinções, raciocínios e teorias complicadas. Mas começa a compreender melhor duas palavras de Jesus. A primeira é a reação entusiasta de Jesus quando avaliou seu público: "Pai, eu te bendigo por teres ocultado estas coisas aos sábios e prudentes e as haveres revelado aos simples" (Mt 11,25). A outra palavra é uma parábola quase esquecida, em que Jesus compara o reino de Deus com um homem que lança a semente à terra. Durma ele ou esteja de pé, de noite ou de dia, a semente germina e cresce, sem que ele saiba como... (Mc 4,26-29). Toda a metodologia sistemática e detalhada de santificar-se é relativizada pela espontaneidade gratuita da graça de Deus e a confiança dos cristãos de que o Espírito de Jesus completará a obra de amor e misericórdia que neles começou. A vida é um hino de louvor ao amor de Deus. Se Deus é por nós, quem será contra nós? (Rm 8,31-39.31b).

Em sua forma humana, toda virtude tem seus próprios riscos e sombras. A simplicidade pode tornar-se simplória, fácil de ser enganada e manipulada pela eloquência política ou sacra das promessas irreais e especulações celestes que, ao máximo, funcionam como ópio momentâneo. Doutro lado, há uma série de indícios de que a simplicidade de muito povo pobre, manifesta em sua maneira de ser cristão e viver sua fé em Deus, tem uma marca do Evangelho. Na religiosidade popular acumulou-se muita sabedoria de provérbios e regras de bem viver, que servem na orientação da vida prática. Diante dos problemas de doença, de seca, de colheita perdida, da educação dos filhos, de morte, cada vez de novo admira-se a capacidade de aguentar, enfrentar a situação, pegar a cruz numa mistura de coragem e resignação, cortar o nó sem criar uma nuvem de dúvidas, hesitações e perplexidades. Pobre e neurose não combinam bem. No popular jeitinho nem tudo o que brilha é ouro. Mas um dos valores que nesta estratégia de ação se esconde é a simplicidade com que, independentemente das leis e autoridades, o povo comum procura resolver o aperto de um próximo, um caso dramático, uma necessidade urgente, pois "com Deus vai", "se Deus quiser, vai dar certo". A esperança em Deus é a última que morre.

4.5. Profetas e precursores

Na linguagem tradicional, o profeta é uma pessoa que prevê o futuro e prediz o que irá acontecer. É um futurólogo em contexto religioso. Sua missão está no nível do discurso, do proclamar e anunciar os planos de Deus, do transmitir as advertências de Deus, criticar nomes às virtudes e aos pecados que protestar contra a corrupção e a exploração dos pobres e fracos, dar nomes às virtudes e aos pecados, que a realidade da vida das pessoas e da sociedade apresenta. Essa interpretação tem suas raízes não só na ori-gem etimológica do termo, mas também na impressão que os profetas bíblicos deixaram em seus escritos, às vezes usando linguagem violenta e ofensiva. Sem dúvida, os documentos de Medellín, Puebla e de muitas Igrejas locais na América Latina são proféticos neste sentido. Denunciam claramente os sofrimentos do povo e suas causas injustas e oferecem as orientações pastorais que a palavra de Deus inspira nos momentos atuais.

Todavia, na vida eclesial movimentada e contrastante deste Continente surge uma outra qualidade profética que está na ordem do fazer: — tomar a iniciativa de agir e realizar na frente dos outros. Também aqui há profetas grandes e profetas menores. Ao lado da figura admirável de Dom Romero há o caboclo que andou três léguas a pé para ajudar a fundar o culto e uma comunidade de base na aldeia vizinha, porque "a gente tem de dar uma mãozinha lá, senão o trem não sai". São os muitos fatos grandes e pequenos da re-

novação cristã na Igreja e na sociedade política, que tiveram o "primeur", enfrentaram obstáculos mil no ambiente e nas pessoas mesmas e foram para frente, levando outros a fazerem coisas semelhantes.

Uma vez que, pelo ato exemplar de um cristão corajoso, uma autoridade eclesiástica, uma mãe de família pobre, um casal, um grupinho de religiosos, foi quebrada a rotina e construída a ponte real entre o discurso convidativo e a práxis feita, outros tantos também criaram coragem de passar pelo mesmo caminho. O pioneiro precursor abriu a picada nova no mato da realidade e levou, como por paradigma, outros a seguí-lo, cada um à sua maneira. A força e coragem de falar e denunciar se completaram pela força e coragem de fazer e colocar um fato novo dentro do quadro tradicional, perturbando a ordem existente e incomodando a consciência pacificada adormecida de muitos. Talvez o pioneiro que fez do Evangalho sua práxis não tenha seguidores, apenas admiradores, mas seu sinal está colocado na parede da história: quem tem olhos para ver, veja.

Aqui, uma nova faceta do segmento de Jesus se manifesta na espiritualidade latino-americana. Aquele que os profetas anunciaram e João Batista mostrou presente entre o povo, era o Profeta-Realizador das profecias. No Evangelho de Lucas, Jesus afirma na Sinagoga de Nazaré que a passagem da Escritura sobre o anúncio da boa-nova aos pobres, a libertação dos cativos, a vista aos cegos e a liberdade para os oprimidos se cumpre agora por Ele (Lc

4,16-21). Este cumprimento tem produzido discursos, explicações e exigências, mas sobretudo se tem realizado pelo muito que Jesus fez, os muitos atos e gestos de curar os doentes, purificar os leprosos, partir o pão aos famintos, consolar os aflitos, perdoar os pecadores, ressuscitar os mortos. Até sacrificou sua vida na cruz para libertar os escravos e, por sua ressurreição dar-lhes a esperança da libertação do pecado e da morte. Na vida exemplar de Jesus, o "segue-me" está umbilicalmente ligado as "faze tu o mesmo", conclusão da parábola do bom samaritano (Lc 10,37). Espiritualidade cristã não é um paraíso de lindas promessas ou bonitas palavras: É a fonte energética e inspiradora do fazer, do servir, do sacrificar a própria vida para que o Reino de Deus venha pela produção dos frutos do amor, justiça, fraternidade e paz.

5. A esperança que se arrisca

Esperança é uma virtude bonita e básica na vida cristã e eclesial. Difícil é realizá-la no contexto humano e sub-humano da América Latina. Para a espiritualidade emergente nas Igrejas do Continente, os riscos não são poucos. Quem pode garantir que os frutos amadurecerão?

O número dos cristãos que seriamente querem colocar o Evangelho em sua vida é bem menor do que o número dos que se chamam católicos nos recenseamentos. Com que forças vivas entre o povo católico, clero e religiosos, a realização da esperança pode contar?

As sementes que estão brotando na vida das CEB's e nos escritos dos teólogos da libertação encon-

tram muita oposição e crítica, até gratúita, desleal e falsa. Resistirão às pressões? Pois esperança sem perseverança é como erva no telhado: brota, mas seca logo no sol.

É lei da história que a primeira onda de renovadores é ultrapassada pela segunda, como acontece com a maré na praia. Muitas vezes, a conseqüência é que, por ressentimento e medo de perder seu cartaz social dos donos de ontem começam a se fecha numa forma de neoconservadorismo autoritário e a fazer oposição contra os profetas de hoje; são capazes até de ressuscitar a velha bruxa da comunistofobia.

O grande enígma, porém, é o choque do futuro que ainda não veio e que nenhuma bola de cristal deixa prever em seus efeitos entre o povo comum. Como a "massa" dos católicos, ainda simples e pobres, vão reagir, se o progresso técnico, a modernização de idéias e valores, o consumismo, a segurança material, a opulência, realmente tomarão conta da existência humana continental? O mapa das CEB's não forma, por si, um aviso no quadro da história pela qual a Igreja está passando?

Como a geração que atualmente prevalece transmitirá a mensagem evangélica, sua fé vivida, à nova geração, deixando-lhe espaço livre para criar sua maneira de viver a Boa-Nova e conviver como Igreja?

No entanto, que há esperança viva, há. Esperança nova, jovem, que desconhece a velhice que já parou e não se arrisca mais. E há o sangue dos mártires da América Latina, gente simples, leigos, padres, irmãs, bispos, sangue semente de cristãos.

. ,

JUVENTUDE: FOGO DE PALHA OU ESPERANÇA DE UM MUNDO NOVO?

Pe. Jorge Boran, CSSp Brasília — DF

No início do século o famoso escritor irlandês, George Bernard Shaw afirmava: "A juventude é uma doença que desaparece com o tempo." Esta frase revela uma atitude comum no passado, a de considerar os jovens como "passagem", sem nenhuma importância em si, em termos de influência na sociedade e na Igreja. Era necessário tolerar seus exageros porque logo se tornaram adultos, criando assim juízo. Foi ressaltada a necessidade de formar os jovens para "o futuro". Não havia uma consciência da importância das idéias e dinamismo dos jovens para transformar "o presente".

No início da década sessenta, um documento da ONU, percebendo um fenômeno novo, afirmava: "Antes havia jovens, hoje há juventude."

O documento de Medellín, levando em conta este novo fenômeno sociológico, fala da juventude como: "novo corpo social", com seus próprios valores, idéias e dinamismo interno, como "grande força nova de pressão" e "força de renovação" da humanidade e da Igreja. Podemos atribuir a explosão da juventude no cenário do mundo a quatro fatores principais: seu número; maior preparo intelectual; atuação profética; fase de opção.

1 - GRUPO MAIS NUMEROSO

Entendemos aqui, que a juventude compreende as pessoas entre 15
e 24 anos. Segundo estatísticas da
ONU, o peso numérico da juventude
latino-americana é um dos mais elevados do mundo. É comparável somente ao do sul da Ásia, onde a juventude representa 20.2% da população. A taxa de crescimento da
população global, durante o período
1960-1980, foi juntamente com a
África, a mais alta do mundo.

O número total de Jovens em 1960 ascendia a 38.5 milhões, e em 1980, a 73.3 milhões, de modo que nestes últimos anos a população juvenil, praticamente, dobrou. Em 1960 a população juvenil representava 17.9% da população total, e em 1980 alcançava a 20.2%. Nesta faixa etária temos 22 milhões de jovens no Brasil. Cinqüenta por cento da população brasileira tem menos de 20

anos. Sessenta por cento da força de trabalho brasileiro é composta de jovens.

Estatísticas mostram que, a partir de 1980, começa a baixar o ritmo de crescimento da população. Analistas prevêem que, futuramente, o índice de nascimentos chegará ao nível de muitos países do primeiro mundo, onde o número de nascimentos e de mortes se equiparam.

Esse fato tem uma importância enorme para a pastoral da Igreja. Os bispos da América Latina, reunidos em Puebla, perceberam, intuitivamente, a importância deste momento histórico, ao escolher os jovens, em conjunto com os pobres, como prioridade da Igreja, no Continente.

Estamos, portanto, num momento privilegiado da história em que a juventude, por causa do seu número, pode tornar-se uma força enorme de construção. "A opção preferencial feita intuitivamente pela Igreja reunida em Puebla, poderá, então, ganhar novas perspectivas e vitalidade, fazendo do 'anúncio do Evangelho aos jovens' um momento chave de libertação dos povos" (Puebla).

Esta oportunidade não vai se repetir na história. Se não tomarmos a iniciativa, agora, perderemos o último vagão do trem da história. Se não entrarmos no trem enquanto está na estação, seremos condenados a correr atrás dele, enquanto vai longe e pegando cada vez mais veocidade.

2 --- MAIOR PREPARO INTELECTUAL

Uma grande parte da juventude moderna tem acesso à divulgação tecnológica e ao saber preestabelecido, através da escola. A maioria dos adultos não tiveram as mesmas oportunidades. Frequentemente jovens, cursando colegial ou universidade, têm pais que são analfabetos ou mal sabem ler e escrever. A escola é, entretanto, conservadora, e tem como uma de suas funções, transmitir a visão de sociedade da classe dominante. Esta visão procura formar um jovem que se integra na estrutura social sem questionamento.

Este acesso ao saber preestabelecido, portanto, é uma espada de dois
gumes: — pode significar a preparação dos jovens para serem os futuros manipuladores de mecanismos
que conservam e aprofundam uma
sociedade do mais forte. Nas tradições pré-técnicas a hierarquia social
é determinada pelo critério de antigüidade. Na civilização técnica, em
princípio, quem se impõe é o mais
hábil, mais inteligente, mais forte.

De outro lado, o maior preparo intelectual adquirido na escola, pode
ser colocado a serviço do povo todo,
em vista da construção de uma sociedade mais forte e fraterna, e não
meramente de uma ascensão social
individualista. Neste sentido, também a sua maior capacidade de raciocínio abstrato facilita a compreensão de uma visão global do funcionamento dos "mecanismos geradores de pobreza" na sociedade. Há
pouco tempo tive contato com um

acampamento de desempregados, numa cidade grande no sul do país, em que os interlocutores principais eram dois jovens de dezoito anos.

Frequentemente, em reuniões e atividades das comunidades e de movimentos populares, os jovens captam com mais facilidade o cerne das questões, têm mais capacidade para seguir um raciocínio lógico e garantir a continuidade através de avaliações e relatórios. Não podemos, porém, deixar de constatar a realidade de uma grande parte da juventude que não é escolarizada. São os jovens "bóias-frias", "favelados", de subemprego, condenados a uma vida de inferioridade social por não terem em mãos o "diploma" que facilita a ascensão social.

3 — QUESTIONAMENTO E ATUAÇÃO PROFÉTICA

Podemos distinguir três grupos principais na sociedade: grupo descendente; grupo reinante; grupo ascendente.

O grupo descendente são os idosos que estão no fim da vida, e têm dificuldade de assimilar o novo.

O grupo reinante é o grupo de adultos que têm as rédeas do poder e da direção da sociedade nas mãos. Este grupo está presente em todos os níveis da sociedade, desde a família ao governo. São poucos deste grupo que, diante de uma sociedade injusta, querem transformar algo. A maioria aceita a atual situação porque está servindo seus interesses egoísticos, ou porque perderam a esperança. Afirmam que "o mundo

sempre foi assim", "não adianta". Muitos estão numa etapa da vida em que procuram um leito para nele correr até o fim. Somente uma pequena parte desse grupo mantém aceso o ideal de uma sociedade justa e fraterna, e luta por ele.

O grupo ascendente são os jovens que se preparam para assumir o lugar do grupo reinante. Há um conflito entre os dois grupos, o famoso "conflito de gerações". O grupo ascendente traz para dentro da sociedade valores que são fundamentais para sua renovação e transformação. São os valores de autenticidade, franqueza, idealismo, dinamismo, entusiasmo, exigência da verdade, sensibilidade diante da injustiça e sofrimento de milhões de pessoas ao seu redor, desejo de um mundo novo, de partilhar a vida com os outros, de reunir-se e viver em comunidade, de amar e ser amado, capacidade de adaptação ao novo, esperança de uma mensagem libertadora. São as sementes do Verbo, presentes na juventude hoje, e que devem ser o ponto de partida de qualquer Evangelização do mundo jovem. A incoerência entre valores proclamados e a prática pessoal de alguns jovens não nega a importância deste fenômeno. Dentro de um processo de evangelização os jovens percebem estas incoerências e procuram corrigí-las.

O Teólogo Yves Congar escreve: "A juventude não seria juventude se não substituísse, de geração em geração, as formas herdadas e envelhecidas por novas criações, um pouco assim como as células novas duma ferida que cicatriza, repelem e eliminam a crosta das velhas células destruídas."

O jovem frente à Sociedade

O jovem capta com facilidade as contradições entre os valores universais de liberdade, justiça e fraternidade proclamados pelos grupos dominantes, e a realidade concreta de "ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres" (João Paulo II). Ele percebe também que não basta fazer coisas: é preciso questionar globalmente o sistema. Percebe um mundo que pela primeira vez dispõe do capital e tecnologia para eliminar a miséria, mas não o faz. O jovem toma consciência da existência de projetos diferentes, alternativos e concretos que propõem uma distribuição mais justa do poder e dos bens produzidos.

Uma pequena parte desta juventude que se politiza, tende a uma radicalização. A descoberta da importância da ação política, às vezes, conduz este grupo à uma absolutização da dimensão política, à custa das outras dimensões (afetiva, psicológica, comunitária, mística).

A solução revolucionária e marxista é considerada, por parte da juventude mais intelectualizada e universitária, como única via de solução para a situação de injustiça social.

Isoladamente

O jovem, frequentemente, chega a uma consciência política através de uma conversão intuitiva que é repentina e total, e que exclui o progresso gradual encontrado nos adultos que agem e refletem partindo das suas necessidades de classe. Há pouco, conversei com um jovem de formação religiosa conservadora, que se preparava durante seis anos para ser oficial do exército. Após uma conversa com outro jovem pertencente a um grupo político, deixou o exército e passou a falar em termos de proposta revolucionária.

Freqüentemente o imediatismo, a agressividade e a dedicação quase fanática "à causa", provoca antipatia e conduz rapidamente ao afastamento e isolamento. Este isolamento é, também, causado pela própria tendência dos jovens de se agruparem independente dos adultos. Sentemse mais à vontade com outros jovens, por terem a mesma linguagem, os mesmos códigos, os mesmos "grilos", as mesmas idéias. O adulto é visto como "quadrado", "desmancha-prazeres", "já era".

Os adultos são frequentemente responsáveis pelo isolamento e marginalização de uma parte da juventude mais idealista. Muitos adultos se fixam em exageros e aspectos secundários, e se recusam a escutar o conteúdo básico da mensagem dos jovens: —que ainda é possível construir uma sociedade justa e fraterna, e que o futuro não pode ser somente cópia do passado. Os jovens são testemunhas de um valor tipicamente cristão: — a esperança.

O jovem frente a Igreja

O jovem se empolga com os valores e mensagem do Evangelho. Admira a pessoa, a mensagem e a coerência de Jesus Cristo. Capta a contradição na América Latina. Continente que é cristão, e ao mesmo
tempo organizado de maneira que
marginaliza a maioria da população.
Os jovens porém, se posicionam
de maneira diferente face à Igreja
Oficial. Distinguem: — a parte da
Igreja que não se renova; — a parte
da Igreja que se compromete com a
libertação dos pobres.

O primeiro modelo de Igreja é estranho aos jovens. Esta Igreja é identificada com ritualismo e leis. É vista como freio e não como direção. Muitos não freqüentam ou deixaram de freqüentar a Igreja, não porque ela lhes impõe exigências, mas porque nada lhes comunica. Muitos padres e religiosas se preocupam em dar respostas à perguntas que os jovens não estão fazendo. As perguntas existem somente na mente dos religiosos.

Para a geração nova, a Fé não se transmite mais somente através da tradição de família, mas pelo convencimento e pelo testemunho de cristãos que vivem a sua fé. Infelizmente muitos jovens não têm contato com cristãos adultos cujas vidas são coerentes com o Evangelho.

Do outro lado, a Igreja que se renova e se compromete com a libertação dos pobres, entusiasma os jovens. Um levantamento feito na PUC
do Rio de Janeiro, em 1963, dava o
seguinte quadro: 60% dos alunos
se declaravam ateus. A razão principal apresentada: a Igreja está do
lado da ordem que é injusta e antipopular. Em 1978 fez-se outro levan-

tamento: 75% declararam-se crentes. A razão principal apresentada: entre Medellín (1968) e Puebla (1979) a Igreja foi a voz dos que não tinham voz, identificou-se com o pobre e o marginal. Ocorre ainda que 10-15% declararam explicitamente: "Acredito na Igreja; não acredito na religião." A Igreja, portanto, cobrou credibilidade por aquilo que fez, desinteressadamente, em favor do seu povo (CF Cândido Mendes de Almeida, "Ação Justiça e Paz nas opções de Puebla", em Encontro Nacional de Ação Justiça e Paz, Curitiba, 1980).

O desafio da Igreja, na afirmação de Puebla, é encarar esta juventude como "enorme força renovadora, símbolo da própria Igreja... que é chamada a uma constante renovação". A juventude é o setor mais sensitivo da sociedade e da Igreja. É o termômetro que capta o clima de uma época. Seria errado condenar o termômetro porque nos revela um clima que não nos agrada. O Concílio Vaticano II fala da necessidade de "ler os sinais dos tempos" para poder evangelizar com credibilidade.

Um padre idoso e muito sábio me falou recentemente: "Cada época tem seu espírito diferente. A Igreja não pode ir contra esse espírito, mas sim adaptar a sua mensagem a ele". A juventude é um destes sinais mais importantes, hoje.

É mais fácil perceber a importância da juventude para a renovação da vida da Igreja no caso de uma Congregação religiosa. Uma Congregação que há muito tempo não recebe novos membros, sente cada

vez mais dificuldade de se adaptar ao novo e, consequentemente, de apresentar um ideal atraente para a juventude. Seu desaparecimento é somente uma questão de tempo.

Retrato idealista do jovem

Enquanto em tempos passados, os jovens eram considerados como "doença a ser curada", hoje em dia, há o perigo do exagero oposto.

Frequentemente, torna-se moda considerar os jovens como grande massa contestatória. Puebla fala de "inconformismo que tudo questiona". Ora, essa descrição é desmentida pelo mais superficial contato com as bases. A contestação e o questionamento se restringe na maioria dos casos a conflito de gerações em nvel de família e de valores morais tradicionais. Somente um pequeno grupo lança um questionamento mais global do sistema econômico, político e social. A revista "Veja", numa recente pesquisa, calcula em não mais de 5% o número de jovens que é contestatário, neste sentido. Depois dos grandes movimentos de contestação que explodiram em todos os continentes, em 1968, a grande massa de jovens parece voltar a um leito que leva a se integrar numa sociedade de consumo. Os assessores que trabalham com a juventude encontram uma grande dificuldade para despertá-la a um engajamento mais crítico e transformador na sociedade.

Um dos grupos mais manipulados

As raízes desta alienação da maioria da juventude contemporânea são

várias. A juventude foi o grande inimigo do regime que se instalou no país em 64. Através do sistema educacional e da repressão política, ele conseguiu formar uma geração que sabe repetir, e pouco pensa ou questiona.

Paralelamente, a sociedade de consumo descobriu a juventude como grande fonte de dinheiro fácil, manipulando-a com seus heróis préfabricados. Deu-lhe a sensação falsa de estarem os jovens "prá-frentex" por sua música, roupa, dança e maneira de comportar-se. O jovem que se sente avançado porque "curte" música inglesa que não entende, nada sabe dos grupos econômicos que determinam seu comportamento, através de propaganda cuidadosamente montada. Torna-se incapaz de distinguir o que é seu e o que é copiado. Na realidade, a grande massa de jovens constitui um dos grupos mais manipuláveis e manipulados pela propaganda e meios de comunicação social.

Transformação rápida

Podemos afirmar, porém, que embora a parte da juventude "inconformada, que tudo questiona", seja pequena, seu número tende a aumentar rapidamente. A juventude tem menos bloqueios do que os adultos, e em certo espaço de tempo pode deslocar-se de uma posição de alienação para uma de engajamento no processo de transformação social.

A revista "Isto é", num artigo intitulado "Poder Jovem", logo após as eleições presidenciais em 82, na Argentina, enfatizou esse ponto. Uma juventude alienada pelo regime militar se politizou rapidamente durante a campanha eleitoral, e foi o grande responsável pela derrota do Peronismo. Em todas as eleições no Brasil, após 64, a juventude votou maciçamente na oposição.

Há, do outro lado, uma opinião muito difundida de que a juventude tem pouca importância por ser grupo instável que está sempre se renovando. Alega-se que não é possível fazer um trabalho sério por se estar obrigado a voltar continuamente ao ponto de partida, devido à saída dos mais velhos e a entrada de novos. Esta afirmação não leva em conta que há sempre uma corrente que continua, e que, os que saem, "passam a peteca" para os outros. Essa corrente que continua se aprofundando e avançando é mais evidente, hoje em dia, numa pastoral de juventude que trabalha menos na base do espontaneísmo, e mais na base de planejamento. Nas reuniões e assembléias de avaliação se vai guardando a memória da caminhada, a partir da qual se dão os passos seguintes.

A afirmação mais importante que se pode fazer sobre a juventude é que ela é disponível e quer acreditar em algo. Quer se dedicar a um ideal, a uma causa. Depende, porém, do tipo de proposta que lhe é apresentada. Ela é capaz de se agarrar com o mesmo entusiasmo a um ideal fascista, como a um ideal libertador.

Diante da abertura política pela qual passa o país, cresce rapidamente o número de jovens que deixam de ser espectadores para serem agentes de transformação nos movimentos populares, comunidades, partidos, sindicatos e movimentos de estudantes. Acredito que, nos próximos anos, a juventude exercerá uma influência decisiva nos rumos do país. A questão fundamental é se a Igreja terá junto a ela uma presença tal que possa apresentar-lhe o Evangelho de modo convincente.

4 — FASE DE OPÇÃO

Há um quarto motivo, porque não podemos ignorar os jovens. Eles se encontram numa fase da vida em que estão frente a uma encruzilhada. Diante deles aparecem várias estradas. A estrada escolhida determinará, em grande parte, os futuros rumos da vida. O jovem se encontra talvez, na única fase da vida em que pode modificá-la radicalmente. Como adulto, mais tarde, é muito dificil voltar atrás e escolher outra estrada. O jovem é como massa que pode se moldar com relativa facilidade, conforme o ideal apresentado.

As duas estradas principais que se levantam diante do jovem hoje em dia são: — servir-se dos outros, ou servir os outros. A segunda opção é a de Jesus Cristo, e é a vocação cristã comum, a vocação de batizado, fundamento e primeiro impulso de toda vocação específica. Paulo VI afirma: "A vocação significa capacidade de ouvir as vozes dos inocentes, dos que sofrem, dos que não têm paz, conforto, guia, nem amor."

A juventude, portanto, é fase privilegiada de crescimento do ser humano, em que a mensagem do Evangelho, quando bem apresentada, pode influir enormemente para a escolha desta segunda opção. Não devemos tentar diluir ou ajeitar a religião para agradar ou atrair o jovem. Pelo contrário, ele quer ouvir as exigências do amor pregado por Jesus Cristo em toda plenitude. "A juventude foi feita para o heroísmo, não para a prazer fácil", diz um pensador.

Se queremos despertar nos jovens, vocações para o laicato, ou vocações de especial consagração, como o sacerdócio e a vida religiosa, devemos enfocar os valores que lhes são importantes: o amor, a verdade, a autenticidade, a justiça, a liberdade e a participação na transformação social. Valores que também são do Evangelho. Se apresentamos uma religião "água com açúcar", uma espiritualidade alienada, desencarnada, de valores abstratos que não descem aos problemas concretos de injustiça e pobreza, não devemos ficar surpresos se os jovens que se apresentam como vocacionados, sejam os que fogem de dura batalha da vida ou se sintam atraídos pelo status que lhes propiciam "os poderes sagrados". Se, pelo contrário, apresentamos uma Igreja encarnada e libertadora, os jovens que vêm a nós serão os mais dinâmicos e idealistas, atraídos pelo ideal do Bom Pastor, dispostos a dar a vida pelos outros.

A "Folha de São Paulo", na sua edição de 13/06/83 afirma:

"A dimensão política e social assumida pela igreja, após sua opção preferencial pelos pobres, é apontada como principal responsável por um sensível aumento no número de vocações sacerdotais em todo o país. Bispos que integram a alta hierarquia da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida e o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, são unânimes ao afirmarem que a Igreja, ao assumir a defesa das classes marginalizadas, passou a atrair a atenção de jovens que nunca tiveram condições de se dedicar inteiramente ao povo."

Em São Paulo, para se ter uma idéia do aumento de vocações, basta constatar que, nos dois últimos anos, a Arquidiocese ordenou sessenta e quatro sacerdotes, contra apenas um em 1960."

A Pastoral da Juventude (PJ) frente a este Desafio

Na primeira parte deste artigo tentamos descrever a importância da juventude para a Igreja e para a sociedade, sem cair no erro de uma descrição idealista. Esta é a juventude que temos que evangelizar com seus valores e limitações.

Constatamos a incapacidade dos instrumentos tradicionais de pastoral para atingir de modo eficaz a juventude moderna. A estrutura paroquial, os colégios católicos, as aulas de religião, vêm se revelando cada vez mais inadequadas para resolver os problemas atuais de evangelização dos jovens. Uma pedagogia mais adaptada à juventude atual vem sendo esboçada a partir das experiências dos últimos anos. Esta per

dagogia tem as seguintes características:

1) Como Protagonistas do Processo

O princípio pedagógico que pervade toda a pastoral da juventude é a
afirmação do Concílio Vaticano II de
que é o jovem que evangeliza o jovem. Isto significa que o jovem deve
ser protagonista do processo todo e
que o adulto desempenha um papel
de assessoria e retaguarda. O jovem
tem uma capacidade de comunicarse e atingir outros jovens, que o
adulto não tem. O jovem aceita com
muito mais facilidade valores que
são passados através do seu grupo
de coetâneos do que através de um
"sermão" de um adulto.

O grande inimigo deste princípio pedagógico é a atitude de muitos adultos, a de "norma de proteção", de dogmatismo, de respostas prontas que abafam o esforço do jovem de pensar por si. Há também o apadrinhamento material: — "Não se preocupem, nós vamos arranjar tudo para vocês." Não queremos minimizar no entanto a importância do assessor adulto, como veremos mais adiante.

Para que este processo seja possível, porém, são necessárias duas ferramentas: a participação em pequenos grupos; uma articulação entre os grupos.

2) Participação em Pequenos Grupos

O jovem tem um forte sentimento comunitário. Tem horror do isola-

mento. Sente-se inseguro diante de um mundo sem ideais. Precisa de uma âncora. Esta âncora é seu grupo de companheiros, — o que a psicologia chama de grupo de coetâneos. Neste grupo pode partilhar seus sonhos, seus "grilos", experiências e lutas. Quer estar junto com outros jovens que falam a mesma linguagem, têm os mesmos códigos, valores e maneira de ser. O jovem sente a necessidade de falar e ser ouvido. Ninguém melhor para ouvir do que outro jovem. No grupo encontra aceitação, sente-se pessoa. Sente-se livre das normas e proibições dos adultos. Aprende a se relacionar com outros. Perdido num mundo cada vez mais desumano, quer encontrar-se fraternalmente com eles. Toma decisões que nunca tomaria sozinho.

Os jovens querem, também, uma fraternidade que vá além do seu grupo — uma fraternidade universal: "Estamos com uma juventude que procura fazer uma casa para todos". (Paulo VI), Estes grupos são organizados pelos próprios jovens, às vezes assessorados por adultos. Desse jeito pensam e sentem realizado seu sonho de liberdade. Esta organização da juventude em pequenos grupos é instrumental privilegiado para a evangelização dos jovens. Através dos pequenos grupos passam-se valores que não passam por outras vias. Esta participação dos jovens em grupos facilita, também, a organização da pastoral de uma Igreja que coloca como eixo de toda a sua pregação a vida em comunidade.

3) Articulação dos Grupos entre si

O avanço principal, em termos de consciência e compromisso, acontece no momento em que os jovens são colocados em contato com elemento de outros grupos. Um grupo isolado tende a se fechar e em pouco tempo esgota suas possibilidades de crescimento. Sem intercâmbio com outras experiências e sem a cobertura de um organismo que lhes forneça possibilidade de subsídios, cursos e contato com uma realidade mais global, logo entrarão em estagnação e repressão. Os encontros de jovens de outras experiências abrem horizontes mais amplos e impedem absolutização da própria experiência de grupo. A falta deste intercâmbio é uma das causas da curta existência de muitas iniciativas e experiências boas.

Foi neste sentido que o 4.º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude, em 1983, escolheu como uma das três prioridades pastorais: "Articulação, Coordenação, Planejamento". A partir deste Encontro foi lançado um processo de formação e fortalecimento de coordenações em todos os níveis: nacional, regional, diocesano, setorial e paroquial. Estas coordenações facilitam uma pastoral em que os jovens se tornam evangelizadores de outros jovens por meio de reuniões, assembléias de avaliação e planejamento, cursos, retiros, festivais e congressos. Uma pastoral de conjunto evita a dispersão, o isolamento e um certo empirismo. As coordenações nos vários níveis, porém, enquanto favorecem o entrosamento e a unidade de caminhada, devem ao mesmo tempo,

evitar sufocar o pluralismo de caminhos.

Uma Evangelização que leva em conta o Jovem situado

A Pastoral da Juventude baseia seu processo de evangelização da juventude num princípio básico da pedagogia moderna: -- "para ensinar qualquer assunto a um outro é necessário conhecer em primeiro lugar o outro". A P. J. procura, portanto. desenvolver uma pedagogia que leva em conta o jovem situado, sobretudo em seus meios específicos de escola, trabalho, moradia (bairro), meios rurais, urbanos e classe social. Os meios específicos e a classe social do jovem exercem uma influência enorme sobre a maneira de perceber e assimilar a mensagem do Evangelho.

Melos específicos

O jovem não pode se considerar cristão somente durante as duas ou três horas em que aparece na comunidade eclesial aos domingos. É necessário considerar as influências nele exercidas pelos meios onde passa a maior parte do seu tempo: universidade, colégio, trabalho, bairro. É necessário aprofundar em comum, a maneira pela qual está sendo "sal", "luz" e "fermento" nestes meios.

Classe Social

É também fundamental levar em conta a questão da classe social, por

vários motivos: --- a) a opção preferencial da P. J. deve ser pelos jovens das classes populares porque constituem a maioria e são as vítimas de uma estrutura social injusta. Há o perigo de se desenvolver uma pastoral de juventude como se todos os jovens fossem de classe média. Na realidade, oitenta por cento dos jovens são pobres. São jovens que nascem com "a corda no pescoço", vítimas de um sistema social injusto. São milhões de jovens que trabalham de sol a sol pela própria sobrevivência sem ter esperança de saírem do círculo vicioso em que nasceram. São os milhões de jovens menores abandonados que perambulam pelas ruas. São as meninas vítimas da prostituição, com feições de velhas. São a maior parte dos "criminosos" abatidos pela polícia ou amontoados nas cadeias. São os jovens que procuram alívio de uma vida dura demais, na bebida e nas drogas. O motivo principal, porém. é bíblico: a opção de Deus no Antigo e Novo Testamento pelos mais pobres. Esta é a opção de fundo que determina nossa ótica na pastoral. Esta ótica determinará uma opção não de manutenção do "status quo", mas de transformação das estruturas injustas que favorecem as elites sociais e marginalizam a maioria da população. — b) As classes sociais também exigem uma pedagogia diferente. Jovens das classes populares, por exemplo, têm menos capacidade de abstração, de concentração e elaboração de um discurso coerente, do que jovens das classes média e alta. São mais concretos. Um curso para universitários tem que ser diferente de um curso para jovens favelados. A P. J. deve favorecer o surgimento de lideranças no meio popular, evitando que as classes populares sejam mantidas numa situação paternalista de dependência, por jovens de classes com acesso a um nível de estudo e padrão de vida superior.

Como esta questão pedagógica pode ser traduzida em termos organizativos é questão não clara ainda dentro da P. J. A P. J. do Nordeste e do Sul apresentam caminhos diferentes.

5) Que Tipo de Jovem Formar

A questão fundamental que todo assessor adulto e jovem coordenador tem que se colocar é: que tipo de jovem queremos formar? A resposta a essa pergunta determinará o tipo de pastoral que desenvolvemos. Estamos formando líderes capazes de pensar e analisar por si o mundo em que se encontram, que são sujeitos do processo todo, que têm uma consciência crítica, ou estamos formando seguidores emocional e intelectualmente imaturos, matéria-prima para uma sociedade manipuladora? A P. J. opta pela primeira alternativa. Somente um jovem livre, com consciência crítica, pode revelar a realidade teológica de um ser criado à imagem de Deus.

6) Processo de Iniciação e Processo de Militância

Com o desgaste dos movimentos de encontro, e o surgimento de uma pastoral de juventude orgânica e encarnada, começou a surgir dentro dela um grupo significativo de jovens que assumem uma militância na comunidade eclesial e sobretudo nos meios específicos (movimentos populares, sindicatos, partidos políticos, movimentos de estudantes). Entendemos que a militância deve englobar três características: compromisso forte; visão libertadora e transformadora; motivação evangélica.

Esses militantes normalmente exercem a hegemonia nas coordenações da P. J., e nos últimos anos alguns deles cometeram o erro de não perceber a necessidade de uma pedagogia diferente e mais lenta para a grande maioria de jovens não militantes. O resultado, em muitos lugares, foi o isolamento da coordenação e seu afastamento das bases da P. J. A P. J. aprendeu com seus erros, e hoje dá mais clareza sobre a necessidade de um tipo de acompanhamento, metodologia, subsídios, cursos, assembléias, reuniões diferentes para os jovens ainda no processo de iniciação. Paralelamente há necessidade de outro tipo de acompanhamento para os jovens militantes. Um jovem que milita em sindicato, por exemplo, exige um acompanhamento diferente do de um adolescente que há pouco começou num grupo paroquial e está unicamente preocupado com seus problemas afetivos. Essa distinção, feita no 4.º Encontro Nacional, na teoria parece óbvia, mas na prática, são poucas as lideranças que a percebem. O meu contato com a P. J., em todos os cantos do país, tem-me ensinado que a incapacidade de perceber essa distinção foi o que mais

retrocesso provocou na P. J. nos últimos anos.

7) Metodologia

A Juventude é frequentemente taxada de irresponsável pelos adultos.
Minha experiência de trabalho com
a juventude mostra que a irresponsabilidade de alguns de seus setores é causada pela incapacidade de
muitos coordenadores e assessores
adultos em acertar uma metodologia
que desperte a generosidade e o
idealismo natural do jovem para um
compromisso cristão. Frequentemente sabemos aonde queremos chegar,
mas não o como chegar.

Uma metodologia global da P. J. deve abranger entrosamento e amizade, clareza de objetivos, educação na fé, o método Ver-Julgar-Agir, a ação, a formação teórica, coordenações, organização, planejamento, acompanhamento, avaliação, preparação e estrutura de reuniões, espiritualidade e capacitação de coordenadores e assessores. Um aprofundamento maior dessa metodologia é dada no meu livro "Juventude, o Grande Desafio".

8) Formação Teórica

Um jovem que não tem certa clareza teórica, não consegue comunicar-se com os outros. A incapacidade de se organizar de modo sistemático em sua opção de fé, faz com
que se comunique com os outros de
maneira confusa. Muitos jovens sabem explicar muito bem o que estão
fazendo e como estão fazendo, mas

poucos conseguem definir com clareza o para que, isto é, quais são os
objetivos a longo, médio e curto prazo da P. J. Por esse motivo, depois
que termina o entusiasmo inicial e o
fascínio pela novidade das novas
amizades, muitos coordenadores e
assessores sentem-se com "batatas
quentes nas mãos", ou como disse
alguém, "segurando uma onça pelo
rabo". Pistas de solução para as crises dos grupos só podem ser encontradas por aqueles que percebem com clareza onde querem chegar.

Um progresso considerável tem sido feito, nos últimos anos, no sentido de uma formação bíblica, teológica, psicológica, sociológica e política, mais séria. Multiplicam-se palestras e cursos de fim de semana, por todo lado. Faltam ainda, porém, cursos de longa duração. Um curso de fim de semana é pouco e superficial, considerando a grande ausência de formação teórica da parte da maioria dos jovens. O Instituto de Pastoral de Juventude de Porto Alegre com seu curso para assessores, de quarenta dias divididos em três etapas, é trabalho pioneiro neste sentido. É importante ressaltar, aqui, que entendemos a formação teórica como sempre unida à práxis dos próprios jovens. Devemos evitar uma pastoral de cursos desligados de um compromisso concreto por parte dos jovens. A teoria ajuda somente na medida em que seja resposta aos problemas e questionamentos sentidos pelos jovens na sua prática. A formação teórica pressupõe uma formação na ação.

9) Mística

Uma pastoral que não dedica tempo para aprofundar uma mística ou espiritualidade capaz de alimentar a caminhada, é casca oca. Logo estoura. Há, porém, hoje em dia, uma dificuldade séria causada pela crise da assim chamada espiritualidade "tradicional" que não se adapta à sensibilidade atual. As antigas fórmulas são impotentes diante do clamor crescente da injustiça na América Latina. A espiritualidade tradicional, de exercícios de piedade, que alimentava uma outra geração, não responde aos anseios de uma juventude nascida numa época muito diferente. Os tradicionais modelos de santidade, como Luís Gonzaga, Teresinha de Lisieux, exercem pouca influência. Os modelos preferidos hoje são os grandes profetas de mudança histórica como Dom Oscar Romero, Santo Dias, Martin Luther King, Ghandi. Não é verdade que o jovem não quer rezar. Quer rezar, quer se colocar na presença de Deus, mas do jeito dele. É comum hoje, em Assembléias e cursos onde a liturgia é bem preparada, dentro de uma proposta libertadora, que o presidente da celebração tenha que controlar a participação dos jovens para não "estourar" o horário.

Há uma consciência nova dentro da P. J. hoje, a de que a espiritualidade é uma das dimensões mais importantes da vida do jovem, e que precisa ser aprofundada. Multiplicam-se cursos, assembléias e retiros com temas significativos, como: Fé e Vida, Fé e Política, Oração e Ação.

10) Revolução Sexual

Está acontecendo uma verdadeira revolução sexual no meio da juventude hoje. Através das suas idéias e comportamento uma grande parte da juventude nega os padrões de comportamento sexual da geração adulta. O ensinamento tradicional da Igreja sobre este assunto se mostra pouco capaz de penetrar o pensamento da juventude moderna. Um comportamento que contraria certos elementos deste ensinamento é considerado aceitável e óbvio. Um jovem me falou recentemente: — "A ética sexual da Igreja é uma maneira de manter de pé uma sociedade autoritária e injusta".

É necessária uma reformulação deste ensinamento para que possa ser inteligível para nossa juventude que não aceita argumentos dogmáticos. Infelizmente a P. J. tem feito pouco neste sentido. No tempo forte dos movimentos de encontro, de alguns anos atrás, se colocava como assunto central a questão sexual, porém de maneira frequentemente negativa e pouco esclarecida. Agora, quando se coloca como preocupação central da pastoral a questão da justiça social, há uma tendência a se ignorar uma dimensão fundamental da vida do jovem que passa por um processo de amadurecimento de estruturas psíquicas, sexuais e morais.

11) Capacitação de Assessores

A Igreja de hoje, diferente da do século passado, investe pouco na juventude. Talvez a Igreja nunce te-

nha investido tantos recursos financeiros e humanos, quanto investiu na juventude no século XIX. Foi montada uma grande rede de colégios e institutos dedicados exclusivamente à educação da juventude. Várias congregações religiosas foram fundadas para trabalhar com a juventude.

Hoje em dia, a educação formal vem sendo substituída pela educação informal como meio mais eficaz de atingir a juventude moderna. A Igreja, porém, tem poucos sacerdotes ou religiosos capazes de trabalhar com a juventude num processo de educação informal. No entanto, a falta de apoio ou a ativa oposição de muitos vigários nas suas paróquias, é frequentemente aliviada quando os jovens encontram um assessor-padre ou irmã que apóia e acompanha sua caminhada em nível de diocese. Infelizmente muitas dioceses não encontram nenhum padre ou irmã com vocação e carisma para ser assessor diocesano da juventude.

Por outro lado, são frequentes as críticas dos adultos contra a pastoral da juventude. Ora, enquanto não investimos na juventude, não temos o direito de cobrar dela. Desempenhamos o papel ridículo daquele que foi ao banco cobrar juros de um dinheiro que não tinha investido. A experiência mostra que a pastoral da juventude dificilmente se desenvolve quando não há assessoria de adulto, pelo menos em nível diocesano.

O assessor é, também, o elo que faz a ligação com a pastoral orgânica

para que a P. J. não seja um quisto no meio do corpo eclesial.

Nem tudo porém, é negativo. Uma P. J. mais séria e comprometida e menos festiva, tem atraído um número significativo e crescente de padres e irmãs novos que escolhem a juventude como seu campo principal de trabalho pastoral. A preocupação dos Bispos em investir pastoralmente na juventude, ficou clara na Assembléia Geral da CNBB em 1983, quando o "Destaque Jovem" recebeu os votos de duzentos e oitenta bispos. Foi o destaque mais votado. Cresce o número de Regionais da CNBB e dioceses que escolhem a juventude como tema de suas assembléias.

O Documento "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil" propõe: "O futuro da sociedade e da Igreja depende da capacidade de escutar o que acontece no mundo jovem, de respeitar a sensibilidade

própria do jovem, que vive o momento presente, de encontrar novas soluções práticas e de pressentir novos rumos. Trata-se de aprender do jovem e deixar-se evangelizar por ele. No jovem não há, apenas, contra-valores! Ao contrário, há valores novos, que, em geral, só o jovem é capaz de criar e desenvolver. O Jovem é garantia da juventude da Igreja."

Há muitos indícios de que talvez estejamos no limiar de uma resposta significativa da Igreja ao mundo jovem. Se não acertamos, podemos, nas palavras de um Bispo brasileiro, "perder uma geração para a Igreja". Vivemos numa sociedade radicalmente diferente de qualquer outra da história. Pode ser perigoso nos refugiarmos no sonho confortável de que o problema se resolverá no futuro, quando os jovens, ficando adultos e casando-se, voltarão para o seio da Igreja.

V.º CENTENÁRIO DA EVANGELIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

A 12 de outubro de 1492, CRISTÓVÃO COLOMBO chegava a SANTO DOMINGO, abrindo os espaços geográficos e culturais do chamado "NOVO MUNDO" à civilização européia marcada pela cristandade. Era o "DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA" e a chegada do

Evangelho carregado pelos Descobridores.

O CELAM, para preparar as comemorações do V.º CENTENÁ-RIO DA EVANGELIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA, a 12 de outubro de 1922, quando será também realizada a ASSEMBLÉIA GERAL DO EPISCOPADO LATINOAMERICANO, estabeleceu uma NOVENA de anos de preces e atos litúrgicos a serem celebrados pelas Igrejas na América Latina.

O Papa JOÃO PAULO II, em recente viagem à Espanha e Santo Domingo, refazendo a rota de CRISTÓVÃO COLOMBO, abriu solenemente, a 12 de outubro de 1984, esse novenário, na Capital da

República Dominicana.

A CRB, tributária do espírito missionário que animou os primeiros Evangelizadores do nosso Continente, une-se ao Povo de Deus na América Latina para louvar o Senhor por seus benefícios, para pedir perdão de nossos pecados, e por MARIA, Mãe dos povos latinoamericanos, implorar que o Reino de Cristo seja construido entre nós, na paz, na justiça e na fraternidade do amor. Unidos, oramos com o Papa a:

ORAÇÃO PELA AMÉRICA LATINA

Maria Santíssima, Mãe da nossa América, pela pregação do Evangelho os nossos povos compreendem que são irmãos e que Vós sois a Imaculada e a cheia de graça. Com certeza filial sabemos que nos vossos ouvidos está o anúncio do Anjo. nos vossos lábios, o cântico de louvor, nos vossos braços, Deus feito Menino, no vosso coração, a Cruz do Gólgota, na vossa frente, a luz e o fogo do Espírito Santo, e sob os vossos pés, a Serpente esmagada. Nossa Mãe Santíssima, nesta hora de nova evangelização, rogai por nós ao Redentor do homem; que Ele nos resgate do pecado, e de quanto nos escraviza; que nos una no vínculo da fidelidade à Igreja e aos pastores que a guiam. Mostrai o vosso amor de Mãe aos pobres, aos que sofrem e a quantos procuram o Reino de vosso Filho. Encorajai os nossos esforços para construir o continente da esperança solidária, na verdade, na justiça e no amor. Agradecemos profundamente o dom da fé e glorificamos convosco o Pai das Misericórdias, por vosso Filho Jesus, no Espírito Santo. Amém.

JOÃO PAULO PP. II